

N.º 03 / 2020 | ISSN 2526-5814

REVISTA  
*Formação  
e Prática  
Docente*



A Revista Formação e Prática Docente é uma publicação acadêmica com periodicidade anual, cujo objetivo é a divulgação de pesquisas e de experiências teórico-práticas no âmbito dos Cursos de Licenciatura do Centro Universitário Serra dos Órgãos e de outras Instituições de Ensino Superior.

Consiste em periódico na área da educação aberto a contribuições de docentes, pesquisadores e discentes, selecionadas segundo critérios de qualidade e colaboração, por meio de avaliações e revisões dos consultores ad hoc, para o aprofundamento no campo da formação docente inicial e continuada.

**Editor-chefe**

Luiz Antônio de Souza Pereira, UNIFESO, Brasil

**Conselho Editorial**

Ricardo Francisco Waizbort, FIOCRUZ, Brasil

Alessandra Santos de Assis, UFBA, Brasil

Angelo Adriano Faria de Assis, UFV, Brasil

Cristiana Callai de Souza, UFF, Brasil

Livia Baptista Nicolini, IFRJ, Brasil

Katiuscia C. Vargas Antunes, UFJF, Brasil

Adriana Hoffmann Fernandes, UNIRIO, Brasil

Maria Beatriz Villas Boas de Moraes, UNIFESO, Brasil

**Editores de Seção**

*Relatos de Experiência* - Gicele Faissal Carvalho, UNIFESO, Brasil

*Artigos* - Luiz Antônio de Souza Pereira, UNIFESO, Brasil

*Resenhas* - Gicele Faissal Carvalho, UNIFESO, Brasil

**Endereço postal**

Av. Alberto Torres 111,

Alto, Teresópolis/RJ

Brasil.

**Formatação**

Editora UNIFESO (Jessica Motta da Graça)

**Capa**

Marketing Unifeso

**Contato para Suporte Técnico**

E-mail: [supsistemas@unifeso.edu.br](mailto:supsistemas@unifeso.edu.br)

## SUMÁRIO

<b>EDITORIAL.....</b>	<b>3</b>
<b>MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NOS ANOS INICIAIS.....</b>	<b>4</b>
<i>Maria Regina Lopes de Oliveira dos Santos</i>	
<b>CRIANÇAS E ESCOLA: HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS .....</b>	<b>19</b>
<i>Anna Railbot Bilé</i>	
<b>MÍDIA, EDUCAÇÃO E IMAGINÁRIO INFANTIL: UM ESTUDO COM CRIANÇAS .....</b>	<b>34</b>
<i>Eluanna Conceição Meyer da Silva Esteves</i>	
<b>HIGIENE E SAÚDE NA ESCOLA .....</b>	<b>44</b>
<i>Angela Silva Pieri</i>	
<b>A PSICOMOTRICIDADE NO DESENVOLVIMENTO FÍSICO, COGNITIVO E SOCIAL DA CRIANÇA.....</b>	<b>54</b>
<i>Ana Lua Fajin Pena</i>	
<b>EDUCAÇÃO, AMBIENTE E SOCIEDADE: a interdisciplinaridade na construção de uma Pedagogia Ambiental</b>	
<b>Crítica nas redes virtuais no Colégio Técnico da UFRRJ .....</b>	<b>65</b>
<i>Adriana Loureiro</i>	
<b>COMO AMAR UMA CRIANÇA .....</b>	<b>75</b>
<i>Nathalia Quintella Suarez Mouteira</i>	

## EDITORIAL

É com imenso prazer que anunciamos o terceiro número da *Revista Formação e Prática Docente*. A presente edição tem como principal tema “educação e criança”.

As autoras, todas formadas no curso de Pedagogia do UNIFESO, em diferentes períodos, socializam com o leitor produções elaboradas durante a graduação, que resultaram em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), problematizando a infância e práticas pedagógicas.

No artigo *A música como recurso pedagógico nos anos iniciais*, **Maria Regina Lopes de Oliveira dos Santos** analisa a importância da música como recurso pedagógico, com destaque para o desenvolvimento da psicomotricidade nas crianças.

Em *Crianças e escola: histórias entrelaçadas*, **Anna Railbot Bilé** convida o leitor a refletir sobre o uso das narrativas como metodologia e dos desenhos infantis como prática pedagógica. A autora destaca a necessidade e importância de valorizarmos as produções infantis e ouvir o que as crianças têm a nos dizer.

**Eluanna Conceição Meyer da Silva Esteves**, em *Mídia, educação e imaginário infantil: um estudo com crianças*, discute a influência da mídia televisiva no imaginário infantil, investigando, a partir das crianças, os desenhos animados e os comerciais como veículos de consumo.

Durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), **Angela Silva Pieri** identificou a carência da abordagem de temas como o corpo humano e hábitos higiênicos numa turma de 2º ano do ensino fundamental. No relato de experiência, *Higiene e Saúde na Escola*, a autora descreve as práticas educativas que realizou para suprir, com sucesso, tais ausências.

**Ana Lua Fajin Pena**, em *A psicomotricidade no desenvolvimento físico, cognitivo e social da criança*, compartilha com os leitores as diversas atividades psicomotoras que realizou em Projeto de Intervenção.

Em Educação, ambiente e sociedade: a interdisciplinaridade na construção de uma pedagogia ambiental crítica nas redes virtuais no colégio técnico da UFRRJ, a autora Adriana Loureiro relata a construção de blogs, na internet, pelos discentes de um curso técnico em Meio Ambiente, sobre a problemática ambiental.

Concluimos o presente número da Revista com a resenha do livro *Como amar uma criança*, de autoria de Janusz Korczak, realizada por **Nathalia Quintella Suarez Mouteira**, professora de LIBRAS do UNIFESO que nos instiga à leitura para as reflexões necessárias sobre o afeto nas relações humanas. Em meio ao cenário de violência, intolerância e perversidade contra o povo judeu, durante a Segunda Guerra Mundial, a obra aborda o mundo das crianças e a esperança do amor ao próximo.

Desejamos uma boa leitura!

*Luiz Antônio de Souza Pereira*

**Editor-chefe**

*Gicele Faissal Carvalho*

**Editora de seção**

# MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NOS ANOS INICIAIS<sup>1</sup>

*MUSIC AS EDUCATIONAL RESOURCE IN THE ELEMENTARY SCHOOL*

**Maria Regina Lopes de Oliveira dos Santos<sup>2</sup>**

<sup>2</sup> Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos – UNIFESO.

## RESUMO

Esta obra tem por objetivo analisar e compreender a ação da música como recurso pedagógico, enfatizando sua utilização na psicomotricidade, por meio do movimento e interação, assim como nas linguagens, em seus diversos sentidos, por aflorar as emoções, sensibilidades e conceitos artísticos e críticos. As análises foram baseadas na observação, examinando o comportamento dos alunos, e o desenvolvimento de suas habilidades de acordo com as atividades aplicadas, envolvendo a música.

**Palavras-chave:** Música; Anos Iniciais; Recursos Pedagógicos; Práticas Pedagógicas.

## ABSTRACT

The goal of this article is to analyze and understand the action of music as an educational resource, emphasizing its use in psychomotricity, through movement and interaction, such as in languages, in its many senses, highlight emotions, artistic and critical concepts. The analyzes were based on the observation, scanning the students' behavior, and also their skills development according to the applied activities in which music has been included.

**Keywords:** Music; Initial Years; Pedagogical Resources; Pedagogical Practices.

<sup>1</sup> O presente artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “A música como recurso pedagógico nos anos iniciais” apresentado no Curso de Pedagogia do UNIFESO.

## Introdução

A música está presente em todas as sociedades e no nosso cotidiano. Porém, no espaço escolar, ainda é um desafio a sua utilização com o intuito de auxiliar e contribuir para o desenvolvimento da criança de forma rotineira e não apenas como uma prática descontextualizada.

O interesse principal deste estudo foi analisar e compreender as contribuições da música como recurso pedagógico no desenvolvimento das crianças na educação e as possibilidades de como pode ser usada pelos profissionais que atuam com crianças, independentemente da faixa etária.

O interesse nesta análise foi perceber como a música pode ser inserida nas instituições educacionais de forma pedagógica, e surgiu em 2016, quando a prática na área educacional iniciou após a minha inserção no curso de Licenciatura em Pedagogia. Inicialmente, por meio do estágio do PIBIB e posteriormente como funcionária em uma escola.

O contato frequente e os comportamentos dos profissionais mediante ao ensino da música, transformou a realidade na situação problemática que norteou o trabalho de conclusão de curso.

Para isso, esta pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa, que permitiu aprofundar no campo de pesquisa, possibilitando investigar as atitudes dos discentes e interpretá-las.

Para tanto, neste artigo apresentamos as práticas pedagógicas aplicadas em uma escola pública inserida em um bairro de classe média baixa da cidade de Teresópolis, Rio de Janeiro.

Inicialmente, abordamos a definição de música, que surgiu a partir da influência humana sobre o som, e como está evidente no cotidiano dos sujeitos e por isso é de fundamental relevância. Apresentamos a evolução histórica da música em território brasileiro, percorrendo pelos primórdios de sua utilização pelos povos nativos, até a metamorfose sofrida mediante a chegada dos portugueses, e os diversos povos vindos do continente africano. Segue-se a história da música juntamente com a humanidade.

No Brasil, a música foi utilizada como ferramenta de ensino em diferentes classes sociais e também nas diferentes manifestações culturais e religiosas que se espalharam por todo o país, ganhando força e passando a ser vista como elemento capaz de contribuir na formação da criança, através das linguagens e expressões artísticas, seja no campo popular, como no religioso.

Assim, a música é inserida nas instituições escolares como um artefato que tem por caráter provocar movimento e interação, por ter como princípio a capacidade de aflorar as emoções e reproduzir nas letras, narrativas que se identificam com as histórias de quem as ouve. É um recurso que pode ampliar o entendimento do aluno, desenvolvendo a sensibilidade e outras potencialidades.

Refletindo e concluindo, entende-se que a música pode ser usada na educação em qualquer segmento, assim como em qualquer faixa etária ou nível de escolaridade, desde que seja usada de forma pedagógica, com a finalidade de colaborar para o processo ensino e aprendizagem, recorrendo aos seus diversos níveis de alcance, desde a socialização até o interesse do estilo musical do sujeito. A música,

quando usada como recurso pedagógico, contribui para a formação e facilita o contato com o mundo letrado.

### A música como recurso pedagógico

Ao descrevermos recurso pedagógico, podemos nos remeter a pensar nas tecnologias digitais, recursos de multimídia, jogos, brinquedos, livros didáticos, entre outros. A música, como recurso pedagógico é utilizada como uma atividade planejada e que, ao ser colocada em ação, possui a intenção de desenvolvimento pleno do indivíduo em todos os seus sentidos.

Podemos mencionar que existem os materiais pedagógicos criados especificamente com o objetivo para essa função e os materiais que não foram criados para essa função específica, porém, foram coordenados para que fossem utilizados de forma pedagógica. Sobre isso, Forquin (1982, p. 82) aponta que:

A busca de recursos pedagógicos permanece indefinida (...) também aqui não existem receitas infalíveis, mas apenas opções e direções mais ou menos fecundas ou esterilizadoras em função da única coisa que nos importa: fazer da música uma dimensão integrante da personalidade, uma permanente exigência da vida (FORQUIN, 1982, p. 82 *apud* LOUREIRO, 2001, p. 116).

Nesse sentido torna-se recurso pedagógico, uma música, uma peça de teatral, uma aula passeio, entre outros, pois a partir desses recursos podemos pensar em alcançar conhecimentos diversos.

Conscientes de que a habilidade para fazer, apreciar ou conhecer a música pode ser adquirida e aprendida, aos educadores musicais cabe à tarefa de possibilitar tal aprendizagem. Agindo dessa forma, eles fatalmente estarão proporcionando o acesso às tradições, o desenvolvimento dos potenciais imaginativo e criativo, a possibilidades de *insights*<sup>2</sup> e abrindo espaço para o entendimento com outras culturas (LOUREIRO, 2001, p. 193, grifo do autor).

Em razão dos estudos de Alícia Loureiro (2001, p. 193), o laboratório de Ensino de Ciências, a quadra de esportes da escola, a biblioteca e até mesmo a sala de aula são espaços pedagógicos nos quais podemos usar materiais didáticos, como o livro didático, o ábaco, o esqueleto humano, o globo terrestre, mas também, bolas, bambolês, jogos, fotografias, histórias em quadrinhos, peças de encaixe, blocos geométricos, bolas de madeira, cordões, instrumentos que permitem fechar, abrir, amarrar, empilhar, instrumentos musicais e também objetos que permitam emitir sons e transformá-los em música.

A música que está presente no rádio, na televisão, e no telefone celular, está distante da música trabalhada nas escolas, o que não se articula à realidade dos alunos, tornando-se descontextualizada das propostas educativas. Percebe-se também que o trabalho com música nas instituições escolares tem sido muito pontual durante as datas comemorativas.

<sup>2</sup> Substantivo com origem no idioma inglês e que significa apreensão súbita.

A música, enquanto conteúdo específico, tem estado ausente da escola regular. No entanto, enquanto música incidental ou recurso didático de outras disciplinas, ela é encontrada com relativa facilidade, principalmente em instituições de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Esta música que está no cotidiano escolar, contudo, não passa pela mesma seleção prévia por que passam os textos literários. Isto é, os cuidados que se têm quanto à escolha de autores, adequação à faixa etária, temática relevante, enfim, todos os preceitos que auxiliam a professora na escolha do livro a ser trabalhado, simplesmente inexistem em relação às produções musicais (ANDRIES, 1998, p. 7 *apud* LOUREIRO, 2001, p. 143).

Para a autora é necessário que o professor tenha critérios bem definidos na seleção das músicas utilizadas como recurso pedagógico, para que esta possa ser bem utilizada e adequada aos conteúdos dos anos iniciais sem ferir aos valores morais e éticos no processo educacional.

Diante do exposto podemos refletir sobre a utilização da música como recurso pedagógico, promovendo as condições necessárias para que o interesse do aluno se volte à ampliação do repertório musical, que pode ser utilizado dentro e fora do ambiente escolar.

O processo de ensino aprendizagem requer constante adequação e renovação de atividades e de materiais músico pedagógico, conhecimento e disponibilização de recursos metodológicos que possam promover as condições necessárias como forma de assegurar a apreensão do conhecimento musical, o constante interesse do aluno e que, assim, possa devolver a alegria musical (LOUREIRO, 2001, p. 209).

Levando em consideração os aspectos apresentados por Loureiro (2001, p. 209), é possível pensar na possibilidade de um ensino utilizando a música como transformação, ampliação de conhecimentos, e conseqüentemente, acesso aos diversos gêneros musicais em relação à cultura e à sociedade.

### **Música e psicomotricidade**

A psicomotricidade faz parte do desenvolvimento da criança, pois ajuda na sua estrutura física, afetiva e cognitiva permitindo melhor coordenação dos movimentos corporais, facilitando a interação entre grupos e auxiliando nos processos de compreensão da leitura e da escrita.

Segundo Lima e Ruger, *apud* Rezende (2011, p. 4), a música ajuda no crescimento psicomotor da criança, pois, por meio dela, a criança manifesta seus movimentos, o que causa reações benéficas corporais, criatividade cognitivas, sociais, emocionais, melhorando a concentração e motivando a aprendizagem e a auto-estima.

[...] no movimento físico, na percepção auditiva e na improvisação, intensificando a coordenação entre ouvido, mente e corpo; no solfejo [...] ele une as habilidades auditivas, visuais, vocais, cognitivas, rítmicas e corporais, trabalhando as relações e os elementos de forma prática, primeiramente na melodia, depois harmonicamente. E quanto [...] a improvisação utiliza todas as faculdades, explora o movimento corporal, a imaginação e a criatividade, a consciência de espaço e tempo, a flexibilidade e agilidade, a coordenação motora, a expressão corporal, a acuidade auditiva e escuta crítica, a concentração e a flexibilidade. A improvisação utiliza ritmos físicos e verbais para a expressão espontânea do indivíduo (LIMA; RUGER, 2007, p. 6 *apud* REZENDE, 2011, p. 4).

A música se torna um caminho que colabora com desenvolvimento psicomotor, a construção do conhecimento, a auto-estima, propiciando a descoberta do próprio corpo por meio de gestos, habilidades, entre outros. Além disso, o talento com o canto inicia-se com o auxílio da música.

A música movimenta, mobiliza, e por isso contribui para a transformação e para o desenvolvimento. Segundo Willems, cada um dos aspectos ou elementos da música corresponde a um aspecto humano específico, ao qual mobiliza com exclusividade ou mais intensamente: o ritmo musical induz ao movimento corporal, a melodia estimula a afetividade; a ordem ou a estrutura musical (na harmonia ou na forma musical) contribui ativamente para a afirmação ou para a restauração da ordem mental no homem (GAINZA, 1988, p. 36-37 *apud* REZENDE, 2011, p. 13).

Quando inserida na escola para trabalhar a psicomotricidade, a música faz com que a criança potencialize suas habilidades corporais e mentais, também prospera para que a criança valorize sua cultura e as demais culturas num trabalho pedagógico bem articulado às propostas inovadoras de formação cultural. Para isso o professor tem que estar preparado com leituras que embasem o seu fazer no cotidiano escolar.

Rezende (2011) afirma que a pessoa depende uma da outra para inserir-se no meio social, sendo assim, a música conectada na educação, proporciona ao indivíduo uma qualidade de vida harmoniosa, onde a comunicação se faz com mais facilidade e desenvolvendo a sensibilidade.

Desta forma, as canções brasileiras e estrangeiras constituem um manancial de possibilidades para o ensino da música e podem fazer parte das produções dentro ou fora da sala de aula, por permitir que o aluno evolua por meio do ritmo, percepção e elementos da linguagem musical.

### **Música e linguagem**

A integração da música na escola contribui para o pleno desenvolvimento dos projetos pessoais e coletivos dos alunos. Para isso, não basta somente promover a aquisição de conhecimento estritamente conceitual. É preciso ir além dos conceitos e também propiciar condições para o desenvolvimento da percepção e dos sentidos. Ensinar a ver, ouvir, dançar cantar, desenhar, enfim, harmonizar os saberes na escola.

Hans-Joachim Koellreutter *apud* Teca Alencar de Brito (2013, p. 26), apresenta que relação entre a música e a linguagem “pode ser um meio de ampliação da percepção e da consciência, porque permite vivenciar e conscientizar fenômenos e conceitos diversos”.

A música na escola pode auxiliar na concentração da criança, raciocínio, psicomotricidade, entre outras áreas. É uma ferramenta que atinge nosso corpo e nossa mente, levando ao desenvolvimento da construção do conhecimento, pois a mesma ensina as crianças a ouvir, a ver de forma mais criativa tudo que está ao seu redor, despertando nelas uma reação de bem-estar no ambiente escolar.

“A linguagem musical tem sido interpretada, entendida e definida de várias maneiras, em cada época e cultura, em sintonia com o modo de pensar, com os valores e as concepções estéticas vigentes” (BRITO, 2013, p. 25).

Sendo assim, a música no ambiente escolar é mais do que simplesmente introduzi-la como disciplina curricular. É pensar numa real integração entre as diversas áreas do conhecimento, de modo a harmonizar os diferentes saberes do ser humano. É juntamente essa comunhão entre os saberes, o conhecimento e o gosto, o entender e o perceber, que faz da música um conhecimento essencial na escola.

### **O local e o campo de pesquisa**

O município de Teresópolis, fundado em 06 de julho de 1891, por meio do decreto assinado pelo então Governador Francisco Portela, está localizada na região serrana do estado do Rio de Janeiro, com o território de 770,601 km<sup>2</sup> e 871 metros acima do nível do mar (IBGE, 2010) e é conhecida como turística, por possuir as mais belas paisagens naturais da região serrana. Teresópolis também se destaca no desenvolvimento da agricultura, da pecuária e possui um número considerável de habitações ao qual são utilizadas como residências de veraneio.

O bairro Meudon, considerado de classe média baixa, local da escola campo de atuação deste trabalho, é conhecido como um dos principais bairros industriais da cidade, com empresas de diversos ramos como bebidas, alimentação, metalúrgica, têxtil, entre outras.

A cidade de Teresópolis possui cerca de cento e oitenta unidades escolares, tendo um total de oito escolas localizadas no bairro Meudon, divididas em: quatro escolas municipais, três escolas privadas e uma escola estadual.

Esta pesquisa aconteceu na Escola Municipal Professora Vera Maria Vianna, pois durante o curso de formação em Pedagogia foi a escola onde desenvolvi parte do estágio supervisionado e lá observei a carência de atividades envolvendo a música. Está localizada na rua Charruas, nº 225, bairro Meudon, na cidade de Teresópolis – RJ, e abrange o ensino fundamental I (1º ao 5º ano). Seu funcionamento acontece em dois turnos: 1º turno das: 07h30min às 11h30min e o 2º turno das: 13h00min às 17h00min. O total de crianças atendidas por ambos os turnos é de 540 alunos.

Fundada em 2002, atualmente a escola possui um total de trinta e três funcionários, dezessete professores, cinco cozinheiras e onze funcionários do apoio divididos entre os setores de limpeza, secretaria, cuidadores, diretora, vice-diretora e orientadora pedagógica.

A estrutura física da escola está organizada em sete lavatórios, uma cantina, copa/cozinha, uma sala de direção, cinco dispensas, duas escadas de acesso, uma rampa de acesso, um pátio, um refeitório, onze salas de aula, uma sala de informática, uma sala de leitura, uma sala de orientação pedagógica, uma sala para descanso dos professores e uma secretaria.

### **Metodologia**

Esta pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa, que permitiu aprofundar no campo de pesquisa, possibilitando investigar as atitudes dos discentes e interpretá-las.

Segundo Chizzotti (1991, p. 77), uma das características essenciais da abordagem qualitativa é a inserção do pesquisador no ambiente da pesquisa, isto é, o pesquisador necessita manter contato diário e longo com o objeto da pesquisa.

Chizzotti (1991, p. 81), descreve que a dedicação do pesquisador é primordial. Os pesquisados são sujeitos ativos que interferem com suas práticas de forma individual e no contexto geral, e que os dados não devem ser coletados de forma isolada, visto que todas as manifestações podem mostrar relação umas com as outras.

A familiaridade com os acontecimentos diários e a percepção das práticas e costumes dos sujeitos, possibilitou minha intervenção com práticas e dinâmicas não vivenciadas no cotidiano dos discentes.

Desta forma, foi utilizada a abordagem metodológica de observação participante, que de acordo com Becker (1994, *apud* LIMA, 1999, p. 3) entende-se que “o pesquisador coleta dados, participando do grupo ou organização, observando as pessoas e seu comportamento em situações de sua vida cotidiana”.

Nesse tipo de pesquisa, a interação entre as partes é fundamental e é necessário que o pesquisador mergulhe no cotidiano dos pesquisados na intenção de compreendê-lo e assimilar as informações necessárias para seu estudo.

Com a determinação da metodologia de pesquisa e a definição do campo de pesquisa, iniciou-se a elaboração dos planos de aulas a serem aplicados, e a elaboração dos instrumentos para a execução das dinâmicas, o que permitiu analisar os dados recolhidos.

### **Práticas pedagógicas**

A turma selecionada para a realização deste projeto foi o 4º ano, por sugestão da professora regente, que diante das conversas na sala de aula durante o meu período de observação, constatou a falta de atividades musicais e como estas poderiam contribuir no processo de ensino aprendizagem. Esta turma possui trinta e três alunos, dezesseis meninos e dezessete meninas, das quais uma portadora da Síndrome de Moebius<sup>3</sup> com ênfase em baixa visão, audição e locomoção, com ausência de linguagem oral.

O professor regente da turma possui quarenta e quatro anos de idade, e trabalha há dezenove anos como professor da rede Municipal de Teresópolis.

As crianças vêm sendo observadas desde março de 2016, e a música só é apresentada semanalmente através do Hino Nacional brasileiro e nas datas comemorativas do calendário escolar.

Durante o período de observação foi analisado que vinte e dois alunos são mais desinibidos durante qualquer atividade escolar e onze são mais tímidos. Essa observação se faz necessária, pois durante a aplicação das atividades, essas características sobressaíram.

<sup>3</sup> Descrita em 1892 por Moebius. As principais características são: paralisia congênita e não progressiva quase sempre bilateral. Aparência facial pouco expressiva, estrabismo convergente, surdez, distúrbios da sensibilidade e atrofia da língua. Alguns casos acompanham-se de deficiência mental (FONTENELLE, 2001).

A faixa etária das crianças está entre nove e doze anos. Três crianças possuem nove anos, vinte e três crianças possuem dez anos, cinco crianças possuem onze anos, e duas crianças possuem doze anos.

### **Propostas, construção de dados e análise do primeiro dia de práticas**

Todos os alunos da turma compartilharam das atividades apresentadas. No início elas demonstraram curiosidade por não terem acesso diariamente à música. Esse contato não é uma experiência do cotidiano da escola de forma geral, normalmente a música somente é transmitida por meio do Hino Nacional e/ou outras músicas em datas comemorativas do calendário escolar, nas brincadeiras, ou para encadear algum movimento, como a formação de uma fila.

Entretanto, um número considerável de crianças conhecia as músicas que foram reproduzidas nas atividades. O que nos leva a pensar que provavelmente, elas ouvem músicas de diversos estilos em outros ambientes de convívio.

A proposta do primeiro momento consistia em formar uma roda, com música ambiente ao fundo, e o professor orientando as crianças utilizando a fala e expressões corporais do que os estudantes deveriam fazer. O professor iria estimular que todos dançassem, e ainda com as crianças em movimento falaria o nome de uma parte do corpo para as crianças colocarem a mão, porém ele colocaria sua mão em outra parte do corpo, para ver a percepção das crianças. Exemplo: Seu mestre mandou colocar a mão no nariz, o professor colocará a mão na barriga, porém as crianças devem obedecer à ordem verbal e colocar a mão no nariz, e assim por diante. Serão analisadas agilidade, coletividade/individualidade, percepção, entre outros.

As atividades iniciaram no pátio da escola. Na primeira etapa, começamos a explorar a música em diferentes ritmos e, no primeiro momento, foi trabalhada a familiarização das músicas e assimilação do ritmo.

O material selecionado para a escuta deve contemplar todos os gêneros e estilos musicais, de diferentes épocas e culturas, privilegiando, no entanto, a produção musical do nosso país, com o cuidado especial de não limitar o contato das crianças ao repertório “infantil” (BRITO, 2013, p. 190).

Posteriormente iniciamos o movimento corporal. O som impulsionou o movimento que foi utilizado como ferramenta de expressão corporal. No estilo “mestre mandou” as meninas se mantiveram no jogo por mais tempo. Nessa atividade, todos os alunos reproduziram os movimentos, inclusive a aluna com necessidades especiais.

No segundo momento, a proposta era que os alunos fossem separados em duplas, um membro da dupla ganharia um colar para diferenciá-lo. Conforme a música tocasse, os alunos deveriam dançar (se movimentar) sobre uma folha de jornal sem rasgá-la ou sair fora dela. No momento em que o professor gritasse a palavra “espelho”, eles se virariam um para o outro e o amigo que estivesse sem o colar deveria imitar os passos do amigo que está com o colar. Os pares que saíssem ou rasgassem a folha de jornal

iriam saindo da brincadeira. Os vencedores seriam os pares que não saíssem de cima do papel e nem rasgassem a folha do jornal.

Na brincadeira foram alternados diferentes ritmos musicais, mais rápidos, mais lentos, que exigiram a execução de diversos passos e movimentos.

A realização musical implica tanto gesto como movimento porque o som é também gesto e movimento vibratório, e o corpo traduz em movimento os diferentes sons que percebe. Os movimentos de flexão, balanceio, torção, estiramento etc. e os movimentos de locomoção, como andar, saltar, correr, saltitar, galopar etc., estabelecem relações diretas com os diferentes gestos sonoros (BRASIL, 1998, p. 61).

A intenção desse momento era de que os movimentos não fossem semelhantes como em uma coreografia de dança, apesar de estarmos em uma grande roda e formando um único grupo.

As meninas apresentaram maior interesse na atividade que envolve a dança e movimento, e foram as que mais participaram com ânimo dessa e de todas as dinâmicas.

Nessa dinâmica de dança na folha de jornal os alunos mais descontraídos na rotina escolar foram os mais participativos. Os mais tímidos não se envolveram tanto, o que fez concluir que os alunos extrovertidos tiveram um maior aproveitamento, se beneficiando mais com a experiência, visto que, nesse momento de dança livre, as crianças soltaram a imaginação e a improvisação espontânea, criando os movimentos corporais de acordo com a música que tocava. Espontaneamente começaram a compreender seus movimentos, afinal se fossem muito bruscos, poderiam até machucar o amigo ao lado.

No terceiro momento, a proposta era que os alunos jogassem o jogo “*DanceMasters*” no *videogame kinect Xbox 360*, onde era preciso que os alunos seguissem os passos da música tocada pelo aparelho, movimentando o corpo totalmente de acordo com o que era solicitado. Ex: Será preciso que o jogador mova as pernas e os braços da forma como é indicada na tela da TV. O jogador que alcançar maior pontuação no desempenho da dança é o ganhador.

Encaminhamos-nos para a sala de informática da escola e exigiu-se dos participantes mais habilidades por se tratar de uma atividade considerada complexa, porém as crianças que já possuíam a prática com o jogo se sobressaíram.

É importante levar em consideração que os alunos da turma possuem características diferentes, personalidades distintas e que isso nos leva a resultados diferentes, pois foram aplicados jogos que necessitavam de determinadas habilidades para serem executadas.

Nessa dinâmica, a inclusão da tecnologia exigiu habilidade e conhecimento do próprio corpo. Por se tratar de um *videogame*, os meninos apresentaram maior interesse, e um número significativo de meninas nunca havia brincando naquele tipo de *videogame*, capaz de reproduzir música e estimular movimentos.

As crianças ficaram extremamente envolvidas na brincadeira, mesmo aqueles que não estavam jogando, encontravam uma maneira de ajudar os que estavam jogando.

Nesse primeiro dia de observação, as crianças demonstraram percepção dos movimentos, coordenação do corpo no momento da dança, suas expressões faciais sobressaíram, e tiveram criatividade para se adequarem às atividades.

No contexto entre o som, ritmo e movimento criado por Émile Jaques-Dalcroze, ele defende que o movimento corporal tem uma dupla função: a manifestação dos sentidos, pensamentos e emoções, ao mesmo tempo em que é aprimorada a consciência rítmica por meio da expressão (BRITO, 2013).

### **Propostas, construção de dados e análise do segundo dia de práticas**

Percepção, agilidade, raciocínio, criatividade e coletividade foram habilidades trabalhadas com as crianças durante as práticas.

No segundo dia, as intervenções foram realizadas na sala de aula, e a proposta consistia nos alunos realizarem uma jornada musical. Na primeira estação musical, os alunos deveriam formar duplas, se colocando um de frente para o outro, com um objeto entre eles e as mãos deveriam ficar junto aos joelhos. Uma música começaria a tocar, e quando parasse, as crianças deveriam o mais rápido possível pegar o objeto. Aquele que pegasse, continuaria na brincadeira, formando novas duplas e o que perdesse, deveria sortear um papel e com a ajuda do professor, cantar uma música que possuía a palavra que estava na folha. O Professor deveria estimular e também poderia ajudar.

Os meninos demonstraram menos interesse, pela consequência do jogo ser cantar uma música, ao ser eliminado. Os escolhidos a participarem do jogo foram sorteados aleatoriamente de acordo com o número da chamada, por isso, meninas e meninos participaram da brincadeira.

Algumas crianças apresentaram dificuldades em lembrar-se de músicas com as palavras sorteadas por eles, isso levou ao envolvimento do professor e até dos seus amigos, que conheciam músicas e os ajudaram. A maioria dos alunos demonstrou dificuldades em cantar a letra da música, não porque não se lembravam da letra, mas porque se sentiam tímidos. Com isso, cantaram as melodias com a voz baixa, mesmo os alunos que não apresentam timidez durante o cotidiano escolar, sentiram dificuldades em se expressar.

Brito (2013) apresenta em seus estudos que a improvisação é uma ferramenta que tem o propósito de evidenciar as vivências musicais dos alunos e possibilitar a compreensão de manifestação da criatividade e o desenvolvimento da comunicação.

As principais composições cantadas pelas crianças foram relacionadas às novelas brasileiras, porém, direcionadas para o público infantil, ou músicas de jogos e brincadeiras.

Foi perceptiva a facilidade que os alunos apresentaram com o concreto (como no jogo da memória) e uma pequena dificuldade com o abstrato (como cantar uma música). É notável que para as crianças a música ainda não é vista como forma de expressar seus sentimentos, ou como um meio de comunicação.

Foi identificado que por meio dessas letras, o docente poderia trabalhar também interpretação e análise de textos nessa dinâmica.

Na segunda estação musical, o grupo deveria escolher dois participantes para o jogo “Memória musical”. O objetivo do jogo era identificar os sons das latas e conseguir achar as latas que possuísem o mesmo som. No fundo de cada lata existia o nome do objeto que estava dentro dela. O aluno que acertasse mais sons era o vencedor. Nesse jogo, os amigos do grupo não poderiam ajudar aos colegas.

A imaginação das crianças foi estimulada, por meio da expectativa em relação a que possíveis sons saíam das latas. No início, pela familiarização e ligação com jogos de memorização, as crianças não sentiram dificuldade no jogo. A proposta inovadora estimulou a curiosidade, que era referente ao que estava dentro da lata, depois a curiosidade foi relacionada ao som que determinado objeto era capaz de reproduzir e por fim, ocorreu o interesse competitivo em ganhar o jogo.

Nessa estação, ficaram perceptíveis os temas que o professor pode trabalhar através do jogo da memória, como a reciclagem, a influência do lixo na natureza, os elementos químicos existentes no alumínio, confecção de uma tabela compondo os materiais que são fabricados com as latinhas recicladas.

O jogo da memória, construído com materiais recicláveis foi confeccionado sem a participação dos alunos. Brito (2013), entretanto, incentiva que essa construção seja realizada junto com os discentes promovendo o estímulo do intelecto do aluno.

A construção de instrumentos estimula a pesquisa, a imaginação, o planejamento, a organização, a criatividade, sendo, por isso, ótimo meio para desenvolver a capacidade de elaborar e executar projetos (BRITO, 2013, p. 69)

Na terceira estação musical, os alunos deveriam escolher dois participantes para o jogo de tabuleiro “Caminhada Musical” que funcionava da seguinte forma: os jogadores decidiriam quem começaria o jogo. O primeiro jogador deveria lançar o dado e contar o número de pontos obtidos, em seguida avançava no tabuleiro o número de casas que correspondesse ao total de pontos. Depois era a vez do outro jogador, e assim por diante. Ganhava o jogo quem chegasse primeiro ao topo “chegada”. Porém, durante o percurso, conforme o número da casa que o jogador caísse, poderiam existir enigmas musicais os quais ele precisaria desvendar para continuar no caminho. O jogador que acertasse o enigma não sofreria nenhuma consequência no jogo, mas aquele que errasse, teria que voltar uma casa. Nesse jogo, os amigos podiam se dividir em dois grupos e ajudar os colegas.

As crianças demonstraram um interesse significativo pelo jogo de tabuleiro. Um grande número de crianças se aglomerou para acompanhar o jogo. Ele foi um dos mais atrativos, e as crianças ao redor, ajudavam aos jogadores a todo instante, o que os tornou jogadores também. Apesar de ser um jogo comum entre elas, essa foi a dinâmica que mais entusiasmou as crianças. O fato de terem perguntas e adivinhações relacionadas a instrumentos musicais foi o grande atrativo. Eles torciam para que seu pino caísse na casa que fosse preciso pegar questões dos envelopes, para desvendar as palavras, ou ver as imagens de

instrumentos. Essa atividade estimulou as crianças na leitura, interpretação de imagens e dinâmica em grupo.

Na visão de Brito (2013) é preciso pensar no desenvolvimento geral da criança, proporcionando atividades que ampliem suas aptidões, atividades capazes de promover o desenvolvimento de outras capacidades. Também atividades que trabalhem temas como: interação em grupo, autoconfiança, cooperação, respeito aos colegas e professores, ser solidário, produzir ideias e ações próprias.

Além disso, os alunos gostam de colaborar, interagir, ajudar os colegas, e não apresentaram pré-conceito com o desconhecido. Cada proposta deu oportunidade para os alunos vivenciarem a música, fazendo com que a vejam como um elemento que agrega outras atividades propicia momentos de aprendizado e bem-estar.

No jogo de tabuleiro, o docente também pode enfatizar a influência da matemática na leitura dos números do dado e no caminho a ser percorrido pelo jogador.

Nas intervenções aplicadas na turma, independente do primeiro dia ou do segundo, a base para avaliação foi a observação do comportamento dos alunos e o aproveitamento que eles tiveram em cada atividade. A participação dos alunos, que supostamente convivem com música ou outro tipo de arte no seu cotidiano foi mais regular, eles demonstraram familiarização com as atividades e não se preocuparam com o julgamento alheio em relação a opinião dos amigos.

Nas atividades do segundo dia, as potencialidades de trabalho com as crianças estão na reprodução de músicas e sons, seja com o corpo ou com os materiais recicláveis. As práticas desencadearam estímulos à criatividade e memorização, ao lembrarem-se dos sons que saíam das latas ou da letra de uma música já ouvida. Estímulos à desinibição ao participar das atividades propostas, coletividade ao fazer as atividades em grupos, saber compartilhar quando necessário e agrupar quando preciso, interpretação para compreender que todos podem participar das dinâmicas, de acordo com as regras apresentadas e que, para continuar na atividade é preciso alcançar objetivos, além de estímulos auditivos, visuais, motores, tudo através de movimentos rítmicos, ou não.

É de fundamental importância registrar que nas atividades do primeiro dia e segundo dias, foi necessário incentivar a participação de algumas crianças, para se movimentar, cantar e brincar. É claro que, no primeiro momento as crianças sentiram-se envergonhadas por estarem participando de uma nova experiência, e tudo o que é novo, normalmente é mal compreendido no começo, mas nesse caso as crianças mais desinibidas se soltaram após alguns minutos e outras se mantiveram tímidas até o fim. Mesmo com essa peculiaridade, todos se propuseram a brincar e participar do que foi proposto, o que permitiu observar de maneira ampla as dinâmicas promovidas.

### **Considerações Finais**

No momento em que um indivíduo entra em contato com a música, seus conhecimentos se expandem, visto que esse contato possibilita que ele desenvolva sua capacidade sensorial e motora, o que

pode ser utilizado para despertar ou ampliar o interesse em desvendar o mundo que está ao seu redor de forma mais agradável. Seu convívio no meio social será traçado por meio desses contatos, e sua cidadania será conquistada através dos conceitos que inevitavelmente são passados por meio de sua família, seu ambiente educacional e até das letras das músicas que ele ouve.

Apresentar diversos estilos musicais para uma criança e dar oportunidade dela conhecer os vários ritmos e gêneros musicais dará a ela a possibilidade de ampliar seu senso crítico, e com o decorrer do tempo, ela será capaz de comunicar-se por meio da diversidade musical.

Diante do exposto, entende-se que a música pode ser usada na educação em qualquer segmento, assim como em qualquer faixa etária ou nível de escolaridade, desde que seja usada de forma pedagógica, com a finalidade de colaborar para o processo ensino e aprendizagem, recorrendo aos seus diversos níveis de alcance, desde a socialização até o interesse do estilo musical do sujeito. A música, quando usada como recurso pedagógico, contribui para a formação e facilita o contato com o mundo letrado.

Esse estudo visou incentivar a utilização da música e demonstrar como ela pode contribuir na educação. É necessário enfatizar que muitos professores que mantiveram contato comigo, entendem a importância da música, porém, a utilizam somente em datas esporádicas.

Muitas vezes, a utilização da música está atrelada às datas comemorativas, alimentação, higiene, memorização de conteúdos, transmissão de conceitos, experiências que não estão em pleno acordo com as propostas apresentadas pelo Referencial Curricular Nacional para Educação, o qual busca capacitar a criança a fazer, apreciar e refletir a música, possibilitando que ela tenha uma ligação direta com outras linguagens expressivas da infância.

O docente que compreende a música como linguagem corporal, sensorial, verbal, não verbal, entre outras, poderá utilizá-la de maneira adequada, e terá uma importante aliada para o desenvolvimento dos discentes.

Durante a pesquisa deste trabalho, foi possível compreender que muitos profissionais não utilizam a música na perspectiva de desenvolver as capacidades e habilidades dos alunos, de forma contínua e rotineira. É relevante que as instituições de ensino tenham um profissional com formação específica em música, para trabalhar de maneira adequada essa arte e cotidianamente.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação (RCNEI), é preciso trabalhar a questão da exploração dos sons, dos estilos musicais, do corpo, dos objetos, da cultura, referenciando as propriedades da música, possibilitando uma infinidade de experiências.

Isso não impede que todo e qualquer educador se veja como um pesquisador e vivencie experiências diversas com a música, que contribuirão para o seu desenvolvimento e dos seus alunos.

O trabalho exposto é apenas mais um exemplo das diferentes abordagens e questões envolvendo a utilização da música no ambiente escolar, visto que ele não tem a presunção de encerrar a temática, mas trazer mais uma contribuição para um recurso farto e relevante no processo de ensino e aprendizagem, que é a música.

**Referências**

- ALVES, Elder Pereira. **Reflexões sobre a construção de um conceito contemporâneo de música para o ensino médio**. Maranhão: UFMA, 2014.
- ANGELIM, Aldenor Menezes. **O Contributo da Música para Educação Emocional**. Fortaleza: Instituto Koziner, 2003.
- ARRIBAS, Teresa Leixá; et al. **Educação Infantil: desenvolvimento currículo e organização escolar**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- BECK, Fabiana Weischung; AITA, Luciana Pereira; CAMARGO, Maria Aparecida Santana. **A experiência musical na educação infantil**. Cruz Alta: Unicruz, 2011.
- BIBLIA. **A Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento**. Tradução de Frei João Jose Pedreira de Castro e pela equipe auxiliar. 60. ed. Pastoral-Catequética. Revista e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RECNEI**. V.3 Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>> Acesso em: 27 jan. 2017.
- BRITO, Teca de Alencar. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. Florianópolis: Peirópolis, 2013.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciência humanas e sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- DECKERT, Marta. **Educação musical: da teoria à prática na sala de aula**. São Paulo: Moderna, 2012.
- DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **O Egito antigo**. Porto Alegre: PUCRS, 2010.
- EDWARD, Burns McNall. **História da Civilização Ocidental: do homem das cavernas até a bomba atômica**. São Paulo: Globo, 1970.
- FREIRE, Vanda L. Bellard. **Música e Sociedade: Uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de música**. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: ABEM, 2010.
- FONTENELLE, Lucia. et al. **Síndrome de Moebius: Relato de caso**. Rio de Janeiro: 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0004-282X2001000500031](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2001000500031)> Acesso em: 28 jun. 2017.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**. São Paulo: Artes Medicas, 1994.
- GROSS, Renato; GRAMINHO, Carla. **Rousseau e a educação da infância**. Curitiba: PUCPR, 2007.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010 – **Características gerais da cidade e população**. Resultados da amostra. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330580>> Acesso em: 01 mai 2017.
- LIMA, Miguel. **A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro**. Curitiba: 2010. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Historia/monografia/3/lima\\_miguel\\_monografia.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/monografia/3/lima_miguel_monografia.pdf)> Acesso em: 01 mai 2017.
- LIMA, Maria Alice Dias da Silva. et al. **A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem**. São Paulo: UFRGS. 1999. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23461/000265980.pdf>> Acesso em: 30 maio 2017.
- LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino da música na escola fundamental: um estudo exploratório**. Belo Horizonte: PUC, 2001.
- NAPOLITANO, Marcos. **História & Música: História cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre. **A proposta pedagógica de Rousseau: Convergências entre o Emílio e o Contrato Social**. Fortaleza: UFC, 2011.
- NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. **A educação pré-escolar: fundamentos e didática: série educação**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- OLIVEIRA, Alda de Jesus. **ABEM: 20 anos de construção coletiva para a consolidação do ensino de música no Brasil**. Londrina: ABEM, v. 20, n. 28, 2012. Semestral. Disponível em: <[http://abemeducacaomusical.com.br/revista\\_abem/pdfs/ed28\\_revistadaabem.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/pdfs/ed28_revistadaabem.pdf)> Acesso em: 30 maio 2017.

- OLIVEIRA, Alda de Jesus. **A educação musical no Brasil**. Londrina: ABEM, n. 1, 1992. Semestral. Disponível em: <<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/513>> Acesso em: 30 maio 2017.
- OLIVEIRA, Rosimary Lima Guilherme. **A inserção da música na educação infantil e o papel do professor**. Curitiba: PUCPR, 2009.
- PEREIRA, Priscila. **A Influência midiática no gosto musical de um grupo de adolescentes**. Curitiba: UFP, 2007.
- PIÉRON, Pierre. **Dicionário de psicologia**. 10. ed. São Paulo: Globo, 1996.
- PONSO, Caroline Cao. **Música em diálogo: Ações Interdisciplinares na Educação Infantil**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho. **Práticas para o ensino da música nas escolas de educação básica: Música na educação básica**. Paraíba: UFPB, 2009.
- REZENDE, Elcio Naves. et al. **Psicomotricidade e educação musical: Pontos de interseção**. Uberlândia: FCU, 2011.
- SILVA, Aracy Lopes. GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: Mec Mari Unesco, 1995.
- TRAVERZIM, Monique; HENRIQUES, Wasti Silvério Ciszewski. **Possibilidades e desafios do ensino musical nos cursos brasileiros de Pedagogia**. São Paulo, v. 6, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/viewFile/9734/6022>> Acesso em: 30 maio 2017.
- VICTÓRIO, Márcia. **O Bê-a-bá do Dó-ré-mi: Reflexões e Práticas Sobre a Educação Musical Nas Escolas de Ensino Básico**. São Paulo: Wak, 2011.
- ZAGONEL, Bernadete. **Brincando com música na sala de aula**. Curitiba: Saraiva, 2013.

# CRIANÇAS E ESCOLA: HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS

CHILDREN AND SCHOOL: INTERLACED STORIES

**Anna Railbot Bilé<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos – UNIFESO. Professora da Prefeitura Municipal de Teresópolis.

## RESUMO

O presente artigo apresenta um recorte da pesquisa realizada como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia. Trago reflexões referentes ao uso do desenho infantil como prática pedagógica, pois este é forte aliado no entendimento da imaginação infantil. Foram analisadas, além dos desenhos, narrativas de crianças como proposta metodológica, no intuito de compreender quem são essas crianças, como vivem suas infâncias e como veem a instituição que frequentam. As constatações desta pesquisa permitiram reflexões quanto às concepções de infâncias e ao papel do desenho como mediador de conhecimento e autoconhecimento e algumas considerações significativas para que o educador utilize este recurso como suporte auxiliador mergulhando no cotidiano da criança, para que ele se revele através do olhar de cada pequenino. Destacou-se também a importância de valorizar as produções infantis e a necessidade de ouvir o que as crianças têm a nos dizer, mostrando-as como seres que possuem diferentes histórias e saberes.

**Palavras-chave:** criança, infância, desenho, imaginação criativa.

## ABSTRACT

This article presents a clipping of the research carried out as a final paper in the Pedagogy course. I bring reflections regarding the use of children's drawing as a pedagogical practice, because it is a strong ally in understanding the children's imagination. In addition to the drawings, narratives of children were analyzed as a methodological proposal, in order to understand who these children are, how their childhood lives and how they see the institution they attend. The findings of this research allowed reflections on the conceptions of childhood and the role of drawing as a mediator of knowledge and self-knowledge and some significant considerations for the educator to use this resource as an auxiliary support diving into the daily life of the child, so that he can reveal himself through the look of every little one. It also highlighted the importance of valuing children's productions and the need to listen to what children have to tell us, showing them as beings who have different stories and knowledge.

**Keywords:** child, childhood, drawing, creative imagination.

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo trazer reflexões relacionadas ao desenho infantil, enfatizando-o como um grande estimulador da imaginação criativa. Além de discutir sobre o uso do desenho como estratégia pedagógica para melhorar o conhecimento a respeito de nossos alunos.

A escolha do tema surgiu a partir de meu interesse em desenhos. Não me considero desenhista, mas sempre gostei de produzir muitos. Acredito que através de meus desenhos consigo me expressar, pois neles coloco todo sentimento que está em mim no momento da criação. Sempre fui muito tímida e sentia dificuldade para falar em público e nenhum professor nunca me estimulou a melhorar esta situação. Mas como professora percebo que meus alunos se comunicam mais comigo e com os colegas através do desenho. Eles gostam de falar sobre suas produções, bastam ser estimulados. Com seus desenhos me contam, sem mesmo perceber, sobre suas vidas, de que brincam, com quem moram, o que fazem, entre outros.

Crianças gostam de desenhar, por isso, nunca quis utilizar o desenho de maneira banal. Com a prática do dia a dia e muito estudo notei o quanto o desenho é presente na vida de toda criança e que através de um trabalho com objetivos e da valorização de suas produções, eu conseguiria conhecer melhor meus alunos, ouvir sobre suas criações.

A criança desenha para falar e poder registrar a sua fala. A partir de estudos de importantes autores em especial Oliveira (2011) e Vygotsky (2009), constata-se a importância da valorização das produções infantis como possibilidade de compreender o que pensam sobre o mundo a sua volta.

Na pesquisa utilizei as narrativas das crianças como referências. As falas articuladas aos desenhos forneceram os dados para compreender as crianças sujeitos da pesquisa, além de permitir analisar o uso pedagógico destes mesmos desenhos para o desenvolvimento da imaginação criadora. Vale ressaltar que tais crianças são minhas alunas e que esse estudo foi realizado na Creche Municipal Doraci Dália Granito, localizada no terceiro distrito de Teresópolis (RJ 116, Km 28 – Bonsucesso). E, por isso, essa pesquisa tem uma dimensão autobiográfica. Como sujeito trago minha própria narrativa e as reflexões sobre a prática docente.

As crianças devem ser compreendidas como seres que possuem histórias e saberes e, portanto, merecem ser ouvidas. Professores, a partir dos desenhos e falas de seus alunos, podem começar a entender quem são essas crianças e como vivem suas infâncias. Ao ouvi-las, ao conviver e compartilhar com elas é possível perceber o que é dito em palavras e no silêncio. Pois, como bem diz Sahagoff (2011, p. 2), “a vida é preenchida de fragmentos narrativos, marcados em momentos históricos de tempo e espaço”.

Em uma abordagem qualitativa a narrativa é muito útil, pois neste caso a ideia é compreender, entrar no mundo da criança, perceber sua maneira de ser, agir e entender o mundo.

Os desenhos foram peças fundamentais na pesquisa e também provocadores das narrativas. “Os desenhos conjugados às narrativas, são reveladores dos olhares e concepções das crianças sobre seu

mundo social, histórico e cultural. Nas conversas com elas, o imaginário também se revela” (OLIVEIRA, 2011, p. 115).

### Concepção de Infância

A concepção de infância é uma construção histórica. Por isso, é possível perceber grandes diferenças em relação ao sentimento de infância presente em alguns momentos da história. A sociedade não via a criança como um ser especial que necessitaria de cuidados. Por muito tempo eram tratadas como um adulto em miniatura. Frota (2007) afirma que, não havia distinção entre mundo adulto e infantil, as crianças viviam em meio ao universo dos adultos. Falavam e se vestiam como eles, jogavam os seus jogos e até participavam de suas festas. Seguindo a mesma linha, Sarmento aponta:

As razões sociais residem na subalternidade da infância, relativamente ao mundo dos adultos, com efeito as crianças durante séculos, foram representadas prioritariamente como “homúnculos”, seres humanos miniaturizados que só valia a pena estudar e cuidar pela sua incompletude e imperfeição. (SARMENTO, 2008, p. 19).

Com o passar dos anos houve uma significativa mudança. A sociedade começou a separar as crianças dos adultos. A criança começa a ocupar seu espaço e acontece uma consolidação do conceito de infância. Sarmento (2008) afirma que a concepção de infância apenas se desenvolveu a partir do último período do século XIX, sendo considerada fruto da modernidade. “Nunca como hoje as crianças foram objetos de tantos cuidados e atenções” (Sarmento, 2008, p. 19).

As mudanças com relação ao cuidado com a criança, ocorrem com a interferência dos poderes públicos e com a preocupação da Igreja em não aceitar passivamente o que antes era tolerado. E pelas instituições escolares que durante muito tempo se organizavam com o objetivo de cuidar.

As crianças são seres que necessitam dos cuidados dos adultos. Em sua interação recebem estímulos para a integração social, compreendidas como crença, valores, conhecimentos e pautas de conduta. Vygotsky (1979 *apud* Sarmento 2008, p. 29) enfatiza o papel das crianças na aquisição da sua cultura social de pertença, através da internalização dos valores sociais e do desenvolvimento das capacidades linguísticas, com incorporação dos elementos simbólicos plasmados na linguagem.

Com o passar dos anos a criança se torna objeto de diferentes estudos. Frota (2007) diz que independente da forma como era olhada, do posicionamento teórico que se tivesse sobre ela, a infância tornou-se visível como um estatuto teórico. Assim passa a ter grande importância na sociedade moderna. A criança começa a ser compreendida com suas características e necessidades próprias, sendo vista como ser social, como presença e não como falta, como força e não como incapacidade. Desta maneira Sarmento (2008, p. 42) aponta que “a infância já não é objeto, mas sujeito, já não é mais pensada, mas pensante e agora a infância é pensada pela própria infância”.

A infância é o primeiro estágio do desenvolvimento, todos passamos por ela, cada qual, da sua maneira. Sarmento (2008, p. 50) afirma: “Devir criança não é se tornar uma criança, mas se encontrar no

tempo da infância”. Por isso, adultos e crianças devem compartilhar suas experiências, seus mundos, modos de ser e pensar. Cabe a cada um despertar a criança que mora dentro de si.

Crianças são autênticas, não vivem isoladamente, as crianças falam não só de seu mundo, mas do mundo adulto, da sociedade, de tudo que a cerca. Sarmento (2008, p. 171) diz que “conhecer a infância e as crianças favorece que o ser humano continue sendo sujeito crítico da história que ele produz (e que o produz)”. Uma das grandes potencialidades do ser humano é a criticidade. Ser crítico vai muito além de questionar, ser crítico é ter a capacidade de pensar para além daquilo que lhe está sendo apresentado, significa questionar, mas analisar de forma racional e inteligente. O olhar crítico desvenda as entranhas da realidade.

### **Quem vai querer ler nossa voz?**

Nossa memória é seletiva, lembramos de algumas coisas e esquecemos de outras. O importante é aquilo que a pessoa viveu e registrou de sua história. Desta forma a narrativa é considerada uma representação ou interpretação do mundo que se vive. Muylaert (2014, p.195) diz que as narrativas “não estão abertas a comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio-histórico”.

As entrevistas geram histórias e, por isso, devem ser bem analisadas, levando em consideração tom de voz, pausas, mudanças na entonação, expressão etc. Muylaert (2014) diz que o silêncio também conta, pois pode ser transformado em narrativas não ouvidas. Todo o contexto é válido e deve ser analisado, explorando o que é dito e como é dito, pois são nas histórias narradas que “estão escritas as marcas da vida cotidiana” (OLIVEIRA, 2011, p. 61).

Para pesquisar e melhor conhecer o mundo de vida das crianças é necessário construir uma relação de confiança e isso implica conhecer e compreendê-las, percebendo as relações que estabelecem, seu lugar e suas experiências. E, assim, fazer um entrelaçamento entre os diferentes sujeitos da pesquisa, sendo esses, meus alunos e eu.

Sou professora no turno da tarde da escola onde desenvolvi a pesquisa. Todos os dias acordo cedo para me organizar. Ao chegar sinto-me renovada. Sou sempre recebida com abraços, sorrisos e por vezes ganho flores colhidas no jardim da escola ou trazidas de casa. Confesso que antes de trabalhar na Educação Infantil, dizia não gostar de flores. Hoje as vejo de outra forma, consigo reparar sua delicadeza, ao enfeitar uma mesa ou ao compor um jardim. Sinto seu cheiro e vejo o quão valiosas são aos olhos de uma criança.

A localidade onde a escola está inserida vive basicamente da produção de hortaliças, sendo constituída por proprietários das terras e empregados, aqui chamados de meeiros. Desta forma a maioria dos alunos é de filhos de produtores rurais, filhos dos proprietários das terras ou filhos dos meeiros, o que aparentemente não muda em nada na relação entre as crianças. Todas são únicas e para elas não importa se o pai é dono ou empregado das terras. Elas querem estar ali, fazer amigos, ser feliz sem preocupação

com as diferenças econômicas. Todas brincam juntas. Umas com brinquedos industrializados, outras com brinquedos criados por elas próprias. Vygotsky (2007) diz que, a criança consegue imaginar uma situação, desligando-se do mundo material, do qual tem contato, desenvolvendo assim capacidade de se desprender do real significado do objeto. Nesse momento, um pedaço de madeira passa a ter outro sentido, indo além do seu aspecto e significado concreto. Uma caneta pode virar um avião, um chinelo a trave de um gol.

Nas infâncias aqui vividas, há brinquedos de todos os tipos, desde os industrializados até as bonecas feitas de espiga de milho e carrinhos de latas de leite. Algumas crianças correm pelo grande jardim de casa, outras correm as margens das lavouras. Algumas se balançam em balanços fabricados e outras em balanços de pneus pendurados em árvores próximas as plantações, improvisados pelos pais que precisam que os filhos não “deem trabalho” para que possam cuidar da lavoura. Independente do brinquedo, da classe econômica, da situação e circunstância, todos brincam, correm, se divertem e assim, vivem suas infâncias.

Ao desenharem sobre suas vidas as crianças contam sobre seus responsáveis, suas brincadeiras e brinquedos, seu lugar, seus animais, viagens, passeios e no fim sempre chegam à escola. Percebe-se claramente a presença da escola em suas vidas. Algumas crianças falam como se fosse “obrigação” e outros como a melhor parte do dia:

- Eu não gosto de vir para a escola, eu prefiro minha casa lá tem minha mamãe.  
(Miguel, 5 anos)

- Ah tia! Eu amo vir pra cá, porque eu brinco, fico com a senhora, aprendo e a merenda é uma delícia! (Yasmin, 5 anos)

Mesmo com diferentes opiniões, a escola de alguma maneira faz diferença em suas vidas. Ter a experiência de ouvir as crianças tem sido mágico. Percebo o quanto elas têm a me dizer e me ensinar. Seus desejos, sonhos, opiniões, questionamentos e curiosidades. As crianças gostam de ter voz, elas se sentem capazes, autônomas, prontas para falar por si e sobre si.

É importante compreender o olhar das crianças, e, ao mesmo tempo, aprender com elas a olhar o mundo à sua volta, a partir de seus olhos. Muitas vezes, é por meio do olhar que elas expressam sentido e sentimentos. (OLIVEIRA, 2011, p. 102).

Quem são estas crianças? Quem são estas famílias? Seu contexto social? Como é a vida destas crianças fora da escola? Com estas perguntas fui procurar mais informações sobre suas relações.

Todos os dias estimulo que desenhem e sempre conversamos sobre os desenhos. Já virou costumeiro em nossa sala! Como bem aponta Vygotsky (2007) o desenho pode ser aplicado como um suporte pedagógico para conhecimento do aluno e esses mesmos desenhos podem ser utilizados para o desenvolvimento da imaginação criadora. Por isso é tão necessário que haja uma valorização das produções infantis. Assim, com estímulo a criança continuará desenhando e dificilmente perderá o gosto pela prática artística.

Num certo dia, pedi que desenhassem sobre suas atividades antes de vir estudar, logo escuto:

- Tia então eu vou desenhar que eu só acordo? Como é isso? (João Marcos, 5 anos)

As crianças se envolvem na discussão e todas falam ao mesmo tempo “*eu brinco*”, “*eu também só acordo*”, “*eu cuido do meu irmão*”, “*eu fico na roça*”, “*eu brinco de boneca*”, “*eu arrumo casa*” ... E nos embalos desse falatório começam a surgir seus lindos desenhos.

Uma criança com lápis e papel tem o mundo em suas mãos. Principalmente na Educação infantil, onde a criança desenha para falar e poder registrar a sua fala. Neste sentido, a criança cria e com o tempo suas produções vão ganhando detalhes. O desenho é um instrumento valioso...

Organizo uma roda e estímulo para que todos falem sobre seus desenhos.

- Vocês precisam falar um de cada vez, senão fica complicado para entender. (Anna Karoline)

Por que fica complicado? (Ítalo)

- Porque a tia vai gravar a voz de vocês aqui no celular. (Anna Karoline)

- E dá para fazer isso? (Antônio)

- Dá sim, seu burro, minha irmã faz isso sempre no “zap zap” dela. (Guilherme)

- E para que vai ficar com a nossa voz aí? (Sofia)

- Porque eu ainda estudo e vou escrever o que vocês vão falar para outra pessoa ler. (Anna Karoline)

- Quem vai querer ler nossa voz? (Miguel)

Com essa última fala posso refletir sobre a invisibilidade da infância perante a sociedade e como isso é encarnado. Foi então que percebi que meu movimento principal é exatamente esse. Quando me sento no chão e faço rodas de conversas, quando peço que me contem seus desenhos, que falem, se expressem, quando ouço meus alunos e me ponho de igual para igual com eles, eu estou dando voz a eles. Estou possibilitando que eles fiquem visíveis, se sintam à vontade para falar e perceber que são seres participantes com opiniões e sentimentos.

É necessário ter um olhar e uma escuta sensível para entender a linguagem para além do que está sendo dito, mas como bem cita Kramer (2011) o adultocentrismo e a invisibilidade das crianças muitas vezes predominam e os limites impostos pelos adultos às crianças, cercam as interações, limitando as brincadeiras e restringindo as ações.

Ao notar que há uma necessidade de expressão, mas que todos falando juntos ficaria inviável de compreender, proponho uma brincadeira, “seu mestre mandou”. Expliquei a brincadeira e disse que assim todos iriam falar, mas tinham que respeitar a ordem do “mestre” e a vez do amigo. “Seu mestre mandou Ana Julia contar sobre seu desenho”, “mandou Miguel”, e assim consegui seguir com a pesquisa.

Dentre tantas falas destaco aqui realidades distintas, contextos sociais dessemelhantes, infâncias vividas de modos completamente diferentes, mas com uma coisa em comum, a brincadeira.



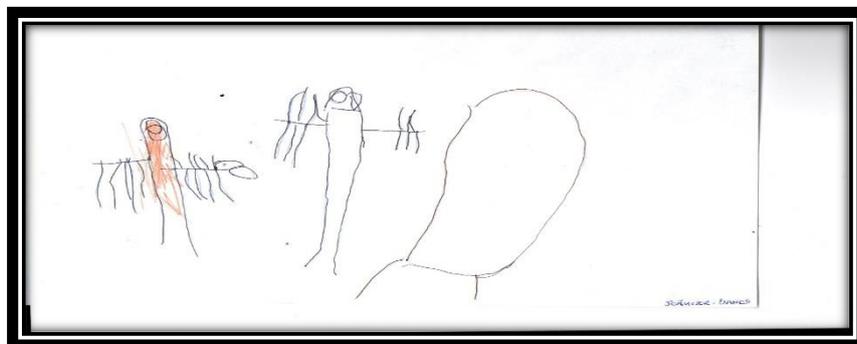
(Ana Julia – 5 anos)

- Olha tia eu desenhei o que a senhora pediu, tudo que eu faço antes de vir para a escola. (Ana Julia)
- Então me conte sobre seu desenho? (Anna Karoline)
- Tá vendo esse aqui marrom? Então, é minha casa. Lá tem um quintal grande e eu gosto, mas eu estou dentro porque eu estou acordando. (Ana Julia)
- É? E essa aqui é você? (Anna Karoline)
- Sim tia, sou eu fazendo o que eu faço todo dia antes de vim ficar com a senhora, me balanço e balanço e balanço, meu pai me deu esse balanço novo no meu aniversário. (Ana Julia)

Rikelme (5 anos) interrompe a amiga e diz ter um balanço também, mas que o dele é diferente, porque “*não é comprado com dinheiro*”.

- Ih tia! Eu tenho balanço também, mas o meu mamãe fez, ela amarrou uma corda na árvore e colocou um pedaço de pau, ai eu balanço também e nós lá de casa fica tudo junto na roça. (Rikelme)
- Eu sei, seu pai trabalha lá em casa. (Ana Julia)
- Mas a tia não sabia ué. (Rikelme)

Todos entram no embalo dessa conversa e dizem que tem balanços, e até os que não tem dizem ter por que “*aqui na escola tem*” e todos podem usá-lo. No dia a dia dessas crianças o brincar se destaca, é como se fosse algo único e essencial na vida delas. No brincar a criança se sente livre, imagina, sente, sonha e explora o mundo ao seu redor. “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (WINNICOTT, 1975, p. 88).



(João Victor – 5 anos)

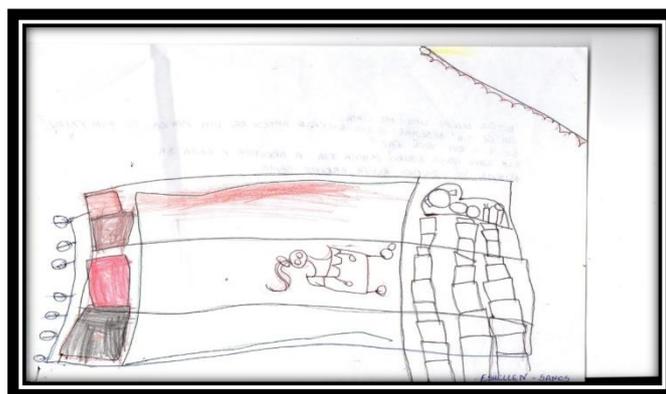
- Olha tia o meu. (João Victor)
- Que lindo! E aí? Me conta mais sobre seu desenho. (Anna Karoline)
- Olha tia, eu desenhei que eu só brinco mesmo. (João Victor)
- Mas brinca onde? Brinca de quê? (Anna Karoline)

- Eu brinco aqui, na estufa. Lá em baixo na beirinha tem espaço eu corro e brinco de zumbi, de polícia, de um monte de coisa! (João Victor)
- E porque você só brinca lá em baixo? (Anna Karoline)
- Porque no meio dos canos não pode né. (João Victor)
- Por quê? (Anna Karoline)
- Machuca a planta que minha mãe vende e pode quebrar as coisas lá. (João Victor)
- E essa outra pessoa aqui? (Anna Karoline)
- É minha mãe trabalhando, agora eu moro só com ela. (João Victor)

Todos falam sobre suas famílias e com quem moram. “*Eu moro com minha mãe e meu pai*”, “*eu moro também*”, “*eu com minha avó*”... Até que alguém que diz “*eu moro com minha mãe e a namorada dela*”. Por um instante a sala fica em silêncio. Até que...

- Tia isso pode? (Sofia)
- Olha, existem muitos tipos de família. Família de papai e mamãe, de vovó e vovô, de tios, de mãe e mãe, um monte! A gente tem que se respeitar e ver que nenhuma família é igual a nossa. A nossa família é sempre única. (Anna Karoline)
- Mas não é errado? (Sofia)
- Não, lá em casa não tem nada de errado. Minha mãe agora é “sapatão” e só! (Pierre)
- É o que? (Miguel)
- Ué foi meu pai que disse! (Pierre)

Todos riem. E por um momento mais uma vez o silêncio se instala. Eu, como professora, confesso ter ficado sem reação. Calei e por um instante passou um turbilhão em minha cabeça, percebi que aquilo não poderia ter passado, mas eu não sabia o que falar, ou melhor, como falar, pensei “são crianças de apenas 5 anos de idade, como vou explicar?”. Hoje, ao escrever entendo que nós, educadores, não podemos desconsiderar esse tipo de fala, temos que ter uma reação, saber o que falar, o que fazer. Ao compreender a importância de não ignorar vi o quanto preciso fortalecer meus conhecimentos teóricos e filosóficos para saber discutir tais assuntos.



(Eshellen – 5 anos)

- Nossa que desenho lindo, me conta? (Anna Karoline)
- Ué tia, eu desenhei o que eu faço antes de vir para cá, tu não falou? (Eshellen)
- E o que você faz? (Anna Karoline)
- Eu lavo louça, ajudo minha tia a arrumar a casa da minha vó, dobro roupa, arrumo cama, me arrumo sozinha porque eu já sei, e venho. (Eshellen)
- Nossa! Você faz isso tudo? (Anna Karoline)
- Uhum! E eu brinco também né tia! Brinco aqui e lá em casa. (Eshellen)

- E não fica cansada? (Anna Karoline)
- Não tia! Eu já sou grande. (Eshellen)
- E gente grande não cansa? (Anna Karoline)
- Não! (Eshellen)
- É? (Anna Karoline)
- Uhum, só quando fica velho com cabelo branco. (Eshellen)

A criança desenha aquilo que lhe interessa, que vive ou viveu, aquilo que sabe ou pensa sobre determinado assunto. A imaginação amplia a experiência da criança. Ao desenharem e narrarem seus desenhos, as crianças contam sobre sua vida, seu cotidiano, suas famílias, brincadeiras, histórias e experiências.

Conjugados às narrativas, os desenhos possibilitam compreender a percepção que as crianças têm do mundo que as rodeia, ou seja, os significados que vão atribuindo aos objetos da cultura. (OLIVEIRA, 2011, p. 115).

É importante destacar que em todas as falas, as crianças revelam a necessidade do brincar e mesmo para aquelas que tem que ir para as lavouras junto com seus pais, a brincadeira se faz presente.

- Eu puxo a borracha para minha mãe e acho legal porque a roça molhada fica escorregando, a gente fica sujo aí pode brincar na lama. (Luana – 5 anos)

Vygotsky (2007) diz que o brincar é necessário pois é uma atividade humana criadora, onde a experiência, a imaginação, a fantasia e a realidade interagem na produção de novas possibilidades, novas chances de interpretação, de expressão, de ação, de relações sociais.

Enfim, na brincadeira, assim como no desenho, a criança se expressa, cria, reinventa e se diverte. Vygotsky (2007, p.109) diz ainda que, “o brincar da criança é a imaginação em ação”. Tudo é uma questão de acúmulo de experiência, até porque, sem a experiência anterior, não poderíamos fazer combinações e criar algo novo. É combinando o velho de novas maneiras que temos a nova criação.

### **A escola a partir do olhar da criança**

Entender a escola a partir do olhar da criança é um grande desafio. Eventualmente a fala de crianças pode ser ignorada, como se não tivessem a menor importância, muitas vezes por ainda serem consideradas pessoas que não “sabem nada” ou sem “experiências”. Acredito que a criança é capaz de falar por si própria na tentativa de produzir efeitos e, a partir da maneira pela qual percebem a escola, quem sabe, contribuir para mudanças significativas em prol da instituição, da conduta do professor, da rotina e até da própria criança.

Desde que comecei a atuar na área da educação tenho a preocupação em saber e entender o que meus alunos querem dizer. Para conseguir compreendê-los melhor sempre usei o desenho como recurso pedagógico, pois a partir destes percebo pistas sobre seu modo de pensar, sua realidade e sua visão de mundo.

Para a criança o ato de desenhar representa a expressão de uma ação pensada. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (Brasil, 1998), o desenho como linguagem indica

signos históricos e sociais que possibilitam ao homem significar o mundo. Portanto o desenho infantil pode ser dotado de significados.

Quando compreendemos os desenhos infantis conseguimos acompanhar os avanços em relação à construção do pensamento da criança. É a partir do desenho e das questões levantadas que aprendemos a perceber muitas coisas que nossos alunos querem dizer. Evitando, assim, fazer interpretações errôneas.

O ser humano consegue representar inúmeros fatos, mesmo sem tê-los vivido, pois tem ideias, imaginam como pode ser. Vygotsky (2009) diz que nosso cérebro não é apenas um órgão reprodutor, onde guarda e reproduz aquilo que já passou, mas sim aquele que combina o que já sabemos com o que imaginamos, reelaborando, de forma criadora, elementos de uma experiência passada, construindo novas situações e novos comportamentos.

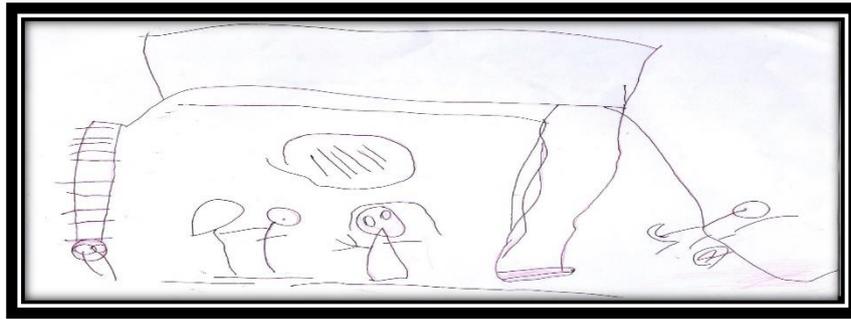
A criação existe na vida de todos, e esta é uma condição necessária na vida de qualquer ser humano, principalmente nas crianças para seu desenvolvimento. Não é necessário criar algo valioso, histórico, grandioso, na verdade qualquer “grão” é válido, pois imaginamos, pensamos, refletimos, modificamos, acrescentamos e pronto, criamos algo novo. Tudo que nos rodeia é produto da criação e imaginação do ser humano.

Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam em suas brincadeiras. A criança que monta um cabo de vassoura e imagina-se cavalgando um cavalo; a menina que brinca de boneca e imagina-se a mãe [...] Todas essas crianças brincantes representam exemplos da mais autêntica e verdadeira criação. É claro que, em suas brincadeiras, elas reproduzem muito do que já viram. (VYGOTSKY, 2009, p. 16).

A criança cria o tempo todo na brincadeira, no desenho, nas histórias e em diferentes atividades. É fundamental que as escolas, os educadores pesquisem mais sobre a questão da imaginação, valorizando mais as criações das crianças. Assim como o cinema vem tentando ser mais valorizado por educadores é importante também a valorização da criação infantil. É necessário evitar passar desenhos livres, sem intenção, somente quando não se tem o que fazer. Por trás de algum aluno pode haver um grande artista. E por que não valorizar a imaginação criadora da criança? O ensino deve ser sempre cuidadoso, deve permitir que a criança, a partir de sua visão de mundo e sua cultura consiga se expressar.

Ocupar as crianças com atividades de desenho livre sem que estejam articuladas a um trabalho pedagógico ou como produção artística pode banalizar o desenho e este deixa de ser um instrumento estimulador da imaginação infantil (OLIVEIRA, 2011, p. 117).

O desenho como suporte pedagógico pode ser um grande auxiliador na relação professor e aluno, no conhecimento da escola, das relações que ali são construídas.



(Giovanna – 5 anos)

- Fala para a tia, Giovanna? (Anna Karoline)
- Eu desenhei o que eu fiz. Balancei no balanço, “coisei” na gangorra, subi e desci a escada e o escorregador. (Giovanna)
- E essas pessoas? (Anna Karoline)
- Somos nós tia! Eu gosto de nós brincando junto. (Giovanna)

A criança desenha o que pensa, o que já viveu, o que está vivendo, o que imagina, em resumo, as coisas que lhe cercam. Aí está a importância de ouvi-las. Dar voz as crianças é o grande desafio da educação.

É através dos desenhos que me relaciono de maneira mais aberta com meus alunos. Estabelecendo respeito e confiança, ouvindo o que tem a me dizer, vou conseguindo tirar a timidez de algumas crianças, o medo do adulto, conquistando e conhecendo um pouco mais a vida e as relações daqueles a qual estou formando.

Destaco a importância de planejar com as crianças, e não para elas. É necessário conhecê-las e assim poder organizar um trabalho pedagógico que irá conseguir ajudá-las a desenvolver a inteligência, a criatividade e a capacidade de se relacionar. A Giovanna em seu desenho diz gostar de brincar junto com a professora e os colegas, e porque não aproveitar essa informação da aluna? Criar mais momentos de gincanas e brincadeiras, onde todos brinquem, imaginem, aprendam, cresçam e compartilhem juntos.

Vygotsky (2009, p. 28), traz a lei da realidade emocional da criatividade, dizendo que a imaginação influi no sentimento e vice e versa. Toda criação tem um vínculo forte com as emoções, fazendo-nos perceber no momento, o estado de ânimo de quem cria. Neste processo é importante considerar o todo, e isso quer dizer, as experiências, as ideias, os pensamentos, as emoções, os sentimentos e o contexto histórico-cultural.

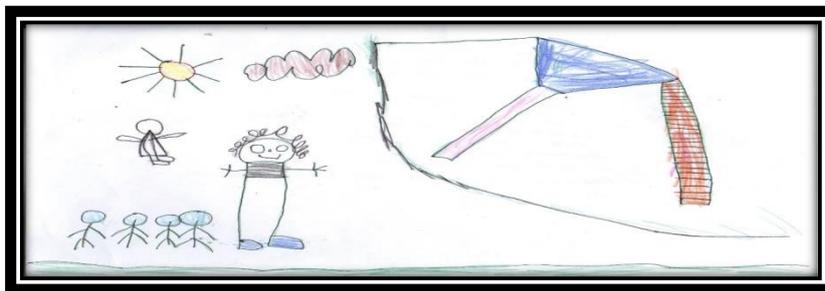
Em cada etapa de seu desenvolvimento a criança cria de maneira peculiar. Isso porque ela necessita da experiência anterior para a criação de algo novo. E essa experiência cresce gradativamente.

O desenho é um aspecto fundamental na atividade criadora da criança. Vygotsky (2009) diz que, na infância a criança desenha com muita vontade, e por vezes sem ser estimuladas por adultos, basta um pequeno estímulo e pronto, começam a desenhar. Nesta fase o desenho, normalmente, é a atividade preferida dos pequenos. A criança desenha de memória, desenha o que sabe, o que vive ou viveu, desenha o que é essencial, o que imagina sobre. Experiência e imaginação criadora estão interligadas. “A criação ensina a criança a identificar sua capacidade criadora na construção da vida social” (VYGOTSKY, 2009,

p. 121). Contudo, vemos o quanto é relevante cultivar a criação na infância. E ouvir sobre suas produções é simplesmente fabuloso.

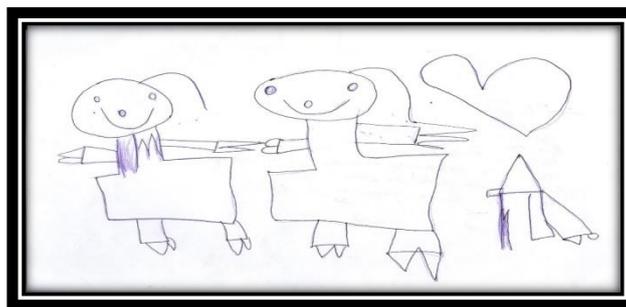
É indispensável que eu, enquanto professora, saiba como essas crianças vivem suas infâncias fora da escola. Porém, é mais essencial ainda, saber como elas veem a instituição que frequentam, qual seu olhar sobre a escola, sobre o estar na escola.

Com tantas ideias passando pela cabeça proponho uma atividade. Levei as crianças ao parque, preparei um circuito, brincamos bastante e depois deixei-os bem à vontade. Ao voltarmos para a sala me pedem para desenhar sobre nosso dia e assim foi feito, sem que percebessem foram me contando como veem a escola, a professora e as atividades.



(Matheus – 5 anos)

- Esse é nosso parque tia. Eu gosto de ficar lá. (Matheus)
- É? E porque você desenhou ele? (Anna Karoline)
- o parquinho é maior legal, hoje estava sol e até isso eu desenhei. Eu brinquei de correr, balançar, corri e pisei na água e você nem brigou - Risos. (Matheus)
- E você gostou de desenhar isso tudo? (Anna Karoline)
- Eu gosto de desenhar tia, mas desenhar o que a gente faz, aqui eu desenhei a casa do parque, o escorrega, o ferro e a escada também. (Matheus)
- É? E quem são estes? (Anna Karoline)
- A grande é você, esse aqui sou eu e os amigos. (Matheus)

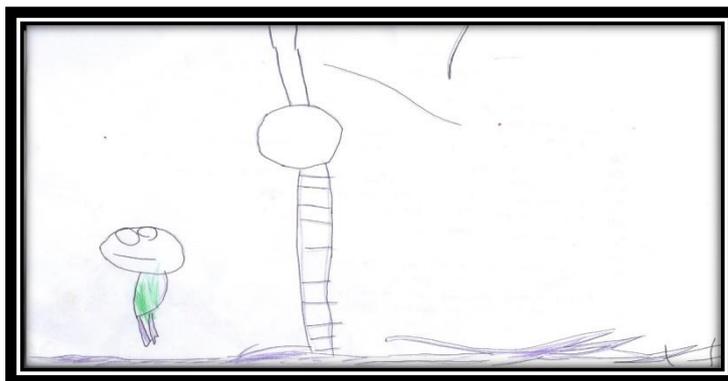


(Ana Julya – 5 anos)

- Olha o meu tia! (Ana Julya)
- Que bacana, você também gosta de ir ao parque? (Anna Karoline)
- Eu adoro! (Ana Julya)
- É? Porque? (Anna Karoline)
- Porque sim ué! (Ana Julya)
- E essas pessoas? (Anna Karoline)
- É eu e você. (Ana Julya)
- Porque me desenhou? (Anna Karoline)
- Porque você brinca com a gente e eu te amo ué! (Ana Julya)
- E o parque? (Anna Karoline)

- Eu não vou desenhar, eu não consigo, não vai ficar igual. (Ana Julya)
- Desenha do seu jeito! (Anna Karoline)
- Eu não, ninguém vai gostar. (Ana Julya)
- Eu vou amar. (Anna Karoline)
- Tá, vou ver o que eu faço. (Ana Julya)

Aqui podemos perceber como os adultos exigem da criança um desenho perfeito, com as mesmas características dos modelos que apresentam, desconsiderando a individualidade, a produção, a imaginação. Com isso a criança começa a exigir de mais de si, e inibe suas próprias capacidades. É necessário que encontrem estímulos para sua própria criação para que não se vejam no papel de ter que seguir corretamente o que lhe é imposto.



Rikelme (5 anos)

- Fala para a tia Rikelme? (Anna Karoline)
- Eu desenhei nós brincando, fiz a nuvem e eu brinquei de correr. (Rikelme)
- É? E você gosta de correr muito? (Anna Karoline)
- É! Eu gosto de ir no parque, gosto de brincar lá! (Rikelme)
- E você vem para a escola só para brincar? (Anna Karoline)
- É, mas eu estudo também ué. (Rikelme)
- E em casa você brinca? (Anna Karoline)
- Sim, as crianças todas brinca né? Eu corro na lavoura e no mato. (Rikelme)

A brincadeira, assim como a criatividade, fica bem visível nas produções das crianças, em especial através dos desenhos que são pedagogicamente ricos, pois por meio destes elas revelam suas visões de mundo e se expressam. A criança está ali, desenhando com a finalidade de poder registrar sua fala. O contato com os colegas e a professora pode ser muito enriquecedor, pois ela é estimulada a ver e pensar sobre suas produções e dos outros.

O desenho sempre ficou em evidência em minha prática docente, a inserção deste meio pode intencional e favorecer o desenvolvimento da criança na linguagem oral, escrita e visual, podendo também ser um instrumento de investigação e exploração de vários aspectos que são presentes no cotidiano. Como bem aponta Silva e Santos (2013), é necessária uma prática docente que tenha em vista o desenvolvimento integral da criança. Inserir o desenho como estratégia pedagógica é uma ação que envolve aspectos cognitivos e afetivos que passam pela relação entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

O desenho infantil precisa ser mais conhecido, valorizado e compreendido pelos docentes que muitas vezes veem esta produção como passatempo.

Ao observar o desenho e ao ouvir a fala de uma criança, podemos aprender muito sobre o seu modo de pensar, suas atitudes e comportamentos, pois estes surgem da criatividade da criança que expõe seus sentimentos, mostrando seu mundo interno.

### **Considerações Finais**

Este artigo apresentou um recorte da pesquisa desenvolvida, enfatizando a importância dos professores compreenderem as infâncias e as crianças para que possam realizar uma prática que as considerem como sujeitos dos processos pedagógicos.

Enfatizei o desenho como elemento expressivo que revela sentimentos, capacidades, ideias, situações de seu cotidiano e emoções, mostrando-o como estratégia pedagógica na educação infantil, também na perspectiva de conhecer melhor a criança e contribuir na atuação docente para assim realizar o processo de intervenção necessária.

A partir deste estudo e das reflexões feitas a partir do uso de desenhos na prática pedagógica, percebo que alguns aspectos em minha prática docente foram modificados. O mundo das crianças é construído a partir de sua interação com os adultos e com as crianças com quem convivem (OLIVEIRA, 2011).

Além de dar continuidade ao meu trabalho em relação à valorização dos desenhos infantis, pude melhor compreender a necessidade de ouvir mais meus alunos, buscando estar atenta para suas falas, seus sinais de que precisam de ajuda, de atenção ou de que está tudo bem.

Entendo o quanto é importante que eu, como educadora, saiba o que sentem, o que se passa. A palavra acolhe, mas também pode afastar, só ouvindo meus alunos e entendendo quem são, conseguirei rever minhas falas, ações e práticas e assim, poderei melhorar. Ao ser ouvida a criança expõe suas ideias, seus anseios, suas alegrias, se sente com importância, com voz, ser participante. Somos feitos de sentimentos e emoções e não podemos esquecer isso.

Como bem diz Vygotsky (2007) Ao desenhar e falar sobre sua criação a criança se relaciona com o outro, e vai desenvolvendo suas habilidades. Algumas vão perdendo aos poucos a timidez. Desta forma o desenho ganha importância no desenvolvimento do sujeito. Na relação com o outro a criança constrói conhecimentos.

Escutar uma criança é permitir que ela seja autônoma, capaz de falar por si e sobre si. Ao ser ouvida a criança se sente valorizada, reconhecida, importante, e isso é fundamental para seu desenvolvimento. O mundo pode ser mais belo se pensado junto com as crianças, então vamos ouvi-las, sempre e mais! Com delicadeza, paciência e atenção.

As crianças têm muito a nos ensinar, pois veem o mundo com um olhar mais sensível. Amam, desculpam com facilidade, fazem amizades, abraçam, beijam, não ficam guardando rancor, e apesar das circunstâncias da vida, todas brincam e sorriem e nos arrancam sorrisos inesperados.

Certamente ainda há muito a estudar, principalmente quando falamos de crianças. Cada vez mais venho tentando aprimorar meus conhecimentos acerca disso, pois pedagogicamente falando, consigo compreender o desenho como meio eficaz no desenvolvimento integral da criança.

## Referências

- FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Diferentes concepções de infância e adolescência**: a importância da historicidade para sua construção. *Estud. pesqui. psicol.* v.7 n.1 Rio de Janeiro, junho/2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S18007000100013&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S18007000100013&script=sci_arttext&tlng=es)>. Acesso em: 15 ago. 2016.
- KRAMER, Sonia; et al. **Infância e crianças de 6 anos**: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.37, n 1, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a05.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2017.
- KRAMER, Sonia (org.). **Retratos de um desafio**: crianças e adultos na educação infantil. São Paulo: Ática, 2009.
- MUYLAERT, Camila Junqueira. **Entrevistas narrativas**: um importante recurso em pesquisa qualitativa. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt\\_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2016.
- OLIVEIRA, Maria Terezinha Espinosa de. **Crianças Narradoras e suas vidas cotidianas**. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.
- SAHAGOFF, Ana Paula. **Pesquisa narrativa**: uma metodologia para compreender a experiência humana. Centro Universitário Ritter dos Reis. *SEPesq/2015*. Disponível em: <[https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos\\_trabalhos/3612/879/1013.pdf](https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2016.
- SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs). **Estudos da Infância**: Educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SILVA, Maria Rita Santos; SANTOS, Adriana Souza. **O desenho como estratégia pedagógica na educação infantil**. Congresso Nacional de Educação. Curitiba, 2013. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9023\\_6059.pdf](http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9023_6059.pdf)>. Acesso em: 06 abr. 2017.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.
- WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago editora LTDA, 1975. Disponível em: <[http://www.necpar.com.br/uploads/material/487o\\_brincar\\_e\\_a\\_realidade.pdf](http://www.necpar.com.br/uploads/material/487o_brincar_e_a_realidade.pdf)>. Acesso em: 16 jan. 2017.

# MÍDIA, EDUCAÇÃO E IMAGINÁRIO INFANTIL: UM ESTUDO COM CRIANÇAS<sup>1</sup>

*MEDIA, EDUCATION AND CHILDHOOD IMAGINATION: A STUDY WITH CHILDREN*

**Eluanna Conceição Meyer da Silva Esteves<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Especialista em Neurociência Pedagógica (UCAM); graduada no curso de Pedagogia do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) Professora da rede de ensino privada no município de Teresópolis – RJ.

## RESUMO

A sociedade contemporânea e de forma especial, as crianças em idade escolar, vem passando por transformações significativas e a mídia se apresenta como parte deste cenário. O presente texto traz um recorte dos resultados da pesquisa desenvolvida com crianças e apresentada como conclusão do curso de graduação em Pedagogia do UNIFESO/RJ - 2012 no âmbito da linha de pesquisa Infância, Cultura e Cotidiano Escolar. Nosso objetivo foi refletir sobre a influência da mídia televisiva no imaginário infantil, investigando a partir das crianças, os desenhos animados e os comerciais como veículos de consumo. Para desenvolver este argumento utilizamos como referencial os estudos da infância e do cotidiano escolar que consideram as crianças e suas infâncias como construção social. As crianças são sujeitos ativos da pesquisa e suas narrativas constituem-se como método de investigação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que valoriza os sujeitos envolvidos na proposta, assim como suas experiências. A pesquisadora coloca-se na busca de compreender, através do olhar das crianças, as suas percepções das informações veiculadas na televisão. Esses aspectos precisam ser aprofundados e debatidos pela sociedade e sobretudo na escola, para construirmos um currículo que traga em seu cerne o movimento tecnológico, fomentando uma educação onde os alunos possam ser sujeitos ativos em seu processo educacional. Romper com certos paradigmas tradicionais é na atualidade uma maneira de permitir uma escolarização significativa e expressiva. Apurar o olhar para essa nova infância que se apresenta, é também socializar-se com esse universo repleto de tecnologia, onde tudo se renova com agilidade e as crianças, já em seus primeiros anos, constroem uma forte e sólida ligação com esses veículos informativos. Nesse universo os jogos e brincadeiras constituem-se como articulação entre o lúdico, o espaço real e o virtual.

**Palavras-chave:** mídia televisiva, desenho, criança e imaginário.

## ABSTRACT

Contemporary society and especially school children has been undergoing significant transformations and the media is presented as part as this scenario. The presents text brings a report on the results of research carried out with children and presented as a conclusion of the undergraduate degree in Pedagogy at UNIFESO/RJ within the research scope of the childhood, culture and school daily life. Our aim was to reflect on the influence of television media on children's imaginary, investigating from children, cartoons and commercials as consumer vehicles. To develop this argument, we use childhood and school daily studies that consider children and their childhoods as a social construction. Children are active subjects of research and their narratives constitute a method of investigation. This is a qualitative research that values the subjects involved in the proposal as well as their experiences. The researchers seek to understand, through the eyes of children, their perceptions of the information transmitted on television. Theses aspects need to be deepened and debated by society and especially at school, in order to build a curriculum that brings the technological movement at its core, fostering an education where students can be actively act in their educational process. Break with certain traditional paradigms is a way of allowing a meaningful and expressive schooling. Focus the look at this new childhood that presents itself is also socializing with this technology universe where everything renews with agility and the children already in its early years, build a strong and solid connection with these information vehicles. In this universe, games and plays constitute an articulation between the playful, the real and the virtual space.

**Keywords:** Television media, drawing, child and imaginary

<sup>1</sup> O artigo é resultado do trabalho monográfico realizado no curso de graduação em Pedagogia no UNIFESO, Brasil.

## Introdução

Em um processo de aprofundamento da temática mídia/educação surge esta pesquisa com as crianças, onde em cada passo, o cotidiano é desvelado. O presente texto traz recortes dos resultados da pesquisa apresentada como conclusão do curso de graduação em Pedagogia do UNIFESO/RJ, no âmbito da linha de pesquisa Infância, Cultura e Cotidiano Escolar.

Pesquisar o cotidiano fez com que nossas seguranças e certezas, fossem derrubadas. Assim, como nos diz Garcia (2003, p. 11), “não se poderia esperar que alguém pudesse compreender os estudos do cotidiano se, ao olhar para o cotidiano, carregasse tantos preconceitos, que lhe impediriam de ver”.

Esta pesquisa traz as vozes e narrativas de crianças. Pesquisar com crianças exige da pesquisadora uma escuta sensível para ouvir as vozes que permeiam a infância, buscando compreender que as fala dos pequenos são marcadas pelas suas relações sociais. Sendo assim, os pequenos são nesta pesquisa autores polifônicos, onde neste espaço seu imaginário e pensamentos serão dados a conhecer (BAKTHIN, 2000).

A coleta de dados foi realizada, primeiramente, através de um diário de campo, onde fazíamos anotações relevantes para pesquisa, bem como a fala das crianças. Em um segundo momento, realizamos a coleta dos desenhos, juntamente com as narrativas e as histórias.

Com Sarmiento (2003), Oliveira (2011) e outros autores, discutimos a presença da mídia no cotidiano das crianças, buscando compreender as mudanças decorrentes da evolução social, bem como o consumo excessivo e por vezes desnecessário. Os nomes citados como, Flávia, Rafael, Rogério, João, são fictícios para proteger a identidade das crianças, pois não obtivemos a autorização para divulgação. O encontro com as crianças se deu em uma escola da rede municipal de ensino e em outra escola privada na cidade de Teresópolis no estado do Rio de Janeiro.

Nas narrativas das crianças os heróis dos desenhos animados permeiam o imaginário. Nos desenhos esses personagens televisivos ganham vida em diferentes contextos imagéticos. Com os apontamentos de Pinto (2000) discutimos sobre a identificação que as crianças têm com os personagens e como seu imaginário fica aguçado com a presença cotidiana destes heróis.

Como anteriormente citado, a presente pesquisa foi realizada em duas escolas. A primeira uma creche municipal, onde encontramos crianças entre três e quatro anos de idade, recolhendo suas narrativas. A segunda é uma escola privada, espaço este onde recolhi as narrativas, desenhos e histórias das crianças da mesma faixa etária. Ambas as escolas, com seus respectivos alunos, foram de grandiosa importância para a pesquisa, sendo a fala das crianças bastante expressiva, sem as quais não seria possível realizar este trabalho. Vale ressaltar que os desenhos conjugados com as narrativas constituem-se como metodologia de investigação.

Com as palavras de Almir Sater e Renato Teixeira (1991), “cada um de nós compõe a sua história” percebemos que esta pesquisa é tecida nas histórias cotidianas de cada criança narradora.

## A criança e a televisão

Notamos a força presente na evolução tecnológica, que transforma significativamente a forma como o indivíduo se relaciona com os conhecimentos que transitam pela mídia. Não podemos negar ou erroneamente mascarar os fatos. A infância que se apresenta está intrinsecamente envolvida neste movimento tecnológico. As crianças sabem manusear com facilidade a televisão, celular, computador, tablet e tantos outros produtos oferecidos no mercado. O senso comum nos leva a dizer que esta geração é a “geração tecnológica”. As crianças já nascem imersas neste universo, não encontrando dificuldades para se comunicar ou se expressar, onde tudo ocorre com facilidade e agilidade. Mas seria correta esta afirmação? Ou estamos nos deixando levar por uma corrente, sem fazer qualquer tipo de análise ou reflexão?

Gomes (2011) traz a palavra mídia com um significado e um poder de influência que ultrapasse o nosso campo de visão. Esta autora afirma que a mídia é capaz de atingir o nosso imaginário e os discursos culturais. Além disso está tão enraizada em nossa vida, que somos incapazes de percebê-la, atingindo diretamente a afetividade e a vida social. Vivemos e agimos mediados pelos conceitos apresentados por ela. Possivelmente a criação e a formação da subjetividade das crianças vêm se baseando nos supostos valores oferecidos pela mídia televisiva e tantos outros meios de comunicação.

A TV vem oferecendo muitos atrativos para as crianças, em seus desenhos e durante as propagandas, elas utilizam os anseios dos meninos e meninas, para que as grandes marcas alcancem os pais e responsáveis. Lançando mão de diversos artifícios, eles encantam as crianças, influenciando diretamente no imaginário infantil, fazendo com que desejem obter determinado objeto e os genitores são esta ponte entre a aspiração e a concretude.

A cena abaixo traz esta ideia.

Antes de iniciar o momento da rodinha, as crianças estavam ao meu redor conversando e como de costume mostravam-me seus brinquedos, roupas que estavam usando. Nesse momento Flávia se aproximou e disse: - Papai vai comprar uma sandália da Moranguinho, que vem com uma mochila.

Os pequenos descobrem um universo paralelo, através da televisão e querem trazê-lo para dentro de sua casa. A mídia televisiva, através de *merchandising*, está fomentando uma geração de “mini consumidores” ativos? Comprar uma sandália, pelo simples fato de obter uma mochila? Satisfazer os anseios consumistas das crianças é uma forma de educar e amar?

A televisão ocupa um lugar especial nos lares brasileiros, geralmente ficam em um lugar central, como no meio da sala e em alguns casos no quarto, ocupando um lugar estratégico para que ao acomodar as pessoas possam visualizá-la com perfeição. Para as crianças a Tv é uma fonte de entretenimento e, além disso, é “unificadora”, sucumbindo os pequenos espaços de diálogo entre a família, entre os pais e os filhos.

Para a criança o mundo do pensamento é um espaço sem fronteira? Que dimensão atinge a imaginação dos pequenos? Quais hipóteses são geradas, entre o mundo real e o fantasioso? Duarte (2008, p.19) ajuda nesta reflexão ao afirmar que:

O receptor não é tido com alguém que apenas absorve passivamente o conteúdo do que é veiculado nas mídias, mas contrário, como alguém que participa ativamente da produção de sentido, dentro de uma dada lógica cultural e que lida com as possibilidades que essa cultura lhe abre (ou limita) para construir significados.

A fala da criança está repleta de significados. Em um dos momentos da pesquisa, observamos que o professor levou para sala de aula panfletos de várias lojas de nossa cidade, sugerindo que as crianças o folhassem e escolhessem um brinquedo para recortar, levar para casa e mostrarem aos pais a sua escolha.

- \_ Eu vou comprar esse.
- \_ Eu achei tão bonito!
- \_ Princesas!
- \_ Tio, Bem 10!
- \_ Eu até vou comprar essa daqui. (apontando para Barbie)

Oliveira (2011, p.128) ajuda a compreender a representatividade do imaginário na vida das crianças. Para ela “na aprendizagem cotidiana da vida, as crianças criam um mundo próprio, preenchido pelo imaginário que povoa suas mentes, com a mediação do que vêem, ouvem e sentem”.

A criança apresenta uma enorme capacidade de criar e repaginar, a partir do seu imaginário, seus pensamentos. As possibilidades para os personagens são quase infinitas, e sendo eles desta forma, as crianças acabam por pensar que na vida real também tornar-se como um ou mais deles, idealizando seres indestrutíveis e repletos de super poderes, transcendendo qualquer limite. Como nos diz Delorme (2008, p. 125 *apud* DUARTE, 2008) “a criança performatiza em interação com as imagens televisivas, o que implica dizer que ela não copia, não cede, nem imita. Recria-se, à medida que vivencia a necessidade de agir “como se”.

Barros<sup>2</sup> no documentário, *Criança a Alma do Negócio* (2008), “nos diz que a publicidade promete mais do que a alegria da posse de um objeto ou brinquedo, ela assegura a alegria da inscrição na sociedade”. Consumindo seremos acolhidos como consumidores e assim, seremos inseridos entre os consumidores daquele produto, obtendo assim uma existência social, e conseqüentemente uma alegria momentânea.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio<sup>3</sup> apresentou nos dados do ano de 2009, que nos domicílios assistidos 96% possuem televisores e ainda há dados que comprovam que 80% das crianças

<sup>2</sup> Clovis de Barros Filho. Doutor em Ciência da Comunicação (ECA-USP).

<sup>3</sup> PNAD, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

influenciam na escolha dos produtos para sua casa (TNS/InterScience, out. 2003, *apud* INSTITUTO ALANA, 2011)<sup>4</sup>.

As crianças se tornam alvos fáceis e importantes para o acúmulo de capital. Podemos observar que alguns produtos são apresentados nas propagandas comunicadas pela televisão, através da utilização de bonecos, animais engraçados, músicas com boa melodia, imagens coloridas e vibrantes. Possivelmente para atrair os olhares dos pequenos telespectadores, que encantados com tamanha beleza e jogo de ilusionismo, pedem aos responsáveis que adquiram tal produto, mesmo que ele não seja útil de fato. Um apontamento importante feito por Sarmiento (2004) é de que as crianças são empregadas na promoção de produtos de moda e são estimuladas a consumir, e por isso aparecem como indivíduos importantes para/na economia.

No decorrer da pesquisa, uma questão que marcou, foi observar a quantidade de crianças que usavam alguma peça de roupa ou material escolar com algum personagem divulgado na grande mídia televisiva. Era notável o apreço expresso no olhar, na tonalidade de voz, na expressão corporal, o valor grandioso que tinham para elas. E os demais objetos essenciais para o cotidiano, mas que não tinham nenhuma marca ou características dos personagens, pareciam não ter significado, a ponto de nem entrarem nas conversas.

Quando chegávamos ao local da pesquisa as crianças corriam ao nosso encontro esbanjando afetividade, pulavam no colo e diziam:

- \_ Tenho o Madagascar.
- \_ Eu tenho o cd da Moranguinho, uso na televisão.
- \_ Tia, eu tenho o Shrek!
- \_ Eu tenho um Bakugan.
- \_ Eu tenho o Buzz, gosto do desenho. Eu tenho o DVD.

Canclini (2001 *apud* DELORME, 2008), sociólogo mexicano acredita que a partir dessa realidade consumista se constrói parte da racionalidade interativa e comunicativa de uma sociedade que precisa consumir, comprar algumas coisas como uma forma de se tornar visível, num mundo onde o sólido se evapora.

Desta forma o que os discursos e as narrativas demonstram é que precisamos aprofundar nossas reflexões sobre a mídia televisiva, para que saibamos lidar com ela de forma mais consciente e assim instruímos nossas crianças para que sejam hábeis ao enfrentarem os fortes apelos consumistas.

### **Desenhos e o Imaginário infantil**

Durante a pesquisa foram utilizados os desenhos como instrumentos, que nos ajudassem a revelar a presença dos personagens dos desenhos animados, no imaginário infantil.

<sup>4</sup> O instituto Alana é uma organização que atua desde 1994. Tem como um dos objetivos promover atividades que tratam da defesa dos direitos das crianças, em relação ao consumismo.

Vemos que as tecnologias estão em quase todos os espaços por onde passamos e a vivenciamos em nosso cotidiano, gerando assim nos indivíduos, uma forma particular de percepção e sensibilidade.

Sarmiento (2004, p. 2) diz que “a criança se insere na sociedade não com um ser estranho, mas como actor social portador da novidade que é inerente à sua pertença à geração.” E neste tempo de transformações sociais, vemos os personagens dos desenhos infantis, serem apresentados e vistos pelas crianças como grandes heróis. E podemos observar a aparição quase constante deles em nossas salas de aula.

Na pesquisa utilizamos outros desenhos infantis, porém nesse artigo trouxemos apenas um, para evidenciarmos a relação entre os desenhos animados e seus personagens no imaginário infantil, como poderão observar no desenho do Miguel (**Figura 1**) e sua narrativa, pode-se notar seu imaginário e percepção do personagem apresentado em seu desenho.

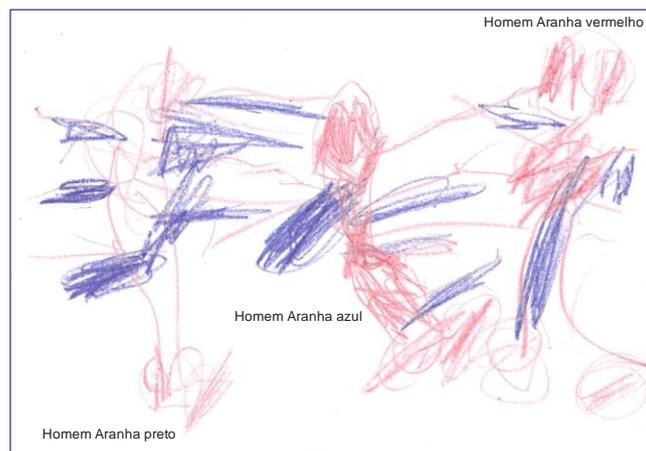


Figura 1 – Desenho do Miguel (3 anos)

- \_O que você desenhou? (pesquisadora)  
 \_O Homem Aranha. (Miguel)  
 \_Mais que Homem Aranha bonito Miguel! Onde ele está? (pesquisadora)  
 \_Tá subindo na parede. (Miguel)  
 \_Não é perigoso, não? (pesquisadora)  
 \_Não. (Miguel)  
 \_Esse é o Homem Aranha vermelho e dois Homem Aranha preto. (Miguel)  
 \_Esse e esse são Homem Aranha preto? (Miguel)  
 \_Esse é o Homem Aranha azul que solta gelo e o Homem Aranha preto e o Homem Aranha vermelho. (Miguel)  
 \_O que o Homem Aranha preto faz? (pesquisadora)  
 \_Ele tá lutando! (Miguel)  
 \_Eu já sabia disso. (Amanda, ela estava ao lado do Miguel, fazendo o seu desenho)  
 \_E o Homem Aranha gelo e o Homem Aranha vermelho, tá lutando, se mexendo. Eles lutaram. Lutaram muito e ele foi lá e deu um soco (fazendo o gesto e som), “tloque, tloque”. Deu um soco bem forte e ai matou ele. (Miguel)  
 \_Ah! Por quê? (pesquisadora)  
 \_Porque sim. (Miguel)

O aluno ao incorporar este personagem em seu imaginário, foi capaz de recriar a história, que observava nos desenhos apresentados na televisão. Com sua criatividade ainda introduziu um novo

personagem, o Homem Aranha gelo, que é de fato fruto da sua rica imaginação. Dito isto, percebemos que ele é capaz de agir e atuar, com autonomia, não restringindo seu imaginário ao que é apresentado no desenho. Como já foi dito, a habilidade criativa e imaginária da criança, é um espaço sem limites.

Com Pinto (2000, p. 252) podemos refletir e buscar compreender as preferências das meninas e meninos.

Num estudo sobre a compreensão das personagens televisivas por parte das crianças, publicado em 1979, Byron Reeves considera que o sexo constitui um factor determinante nos processos de identificação. Em primeiro lugar, segundo este autor, cada criança tende a identificar-se com personagens do mesmo sexo; além disso, os rapazes tendem a identificar-se de forma mais marcada com o sexo masculino do que as raparigas com o sexo feminino, embora se possa contrapor, a este propósito, que o número de personagens sexo feminino em papéis proeminentes é substancialmente menor do que no caso do sexo masculino. Em segundo lugar, aquele autor considera haver também notórias diferenças no tipo e no leque de atributos que um e outro sexo utilizam e valorizam na apreciação/caracterização das personagens preferidas. Assim os rapazes tendem a valorizar mais a força física e a capacidade de superar perigos e problemas, enquanto as raparigas valorizam mais a atracção física e a manifestação de sentimento de ternura e amor. (PINTO, 2000, p. 252)

Diante das palavras de Pinto e das observações realizadas, das narrativas e desenhos analisados, podemos constatar que os estudos realizados em 1979, ainda se repetem. Os meninos preferem personagem que demonstram força e poderes em momentos tensos, como em batalhas para salvar os homens e o planeta. Já as meninas se identificam com a sutileza e a delicadeza, oferecida no desenho através do cuidado com a família e amigos.

Ao longo deste estudo pudemos ver através do apontamento das crianças, dois dos personagens que ficam em evidencia, Ben 10 e Barbie.

Os objetos e as propagandas, podem eventualmente derivar da percepção dos profissionais que criam formas de propagação destas marcas, se utilizando da ingenuidade infantil, lançando mão destes personagens para que tenham retorno em suas vendas. As grandes empresas fazem investimentos grandiosos, não com a intenção de educar e sim de travarem batalhas ferozes em troca de espaço no mercado e aproveitam, as crianças, como alvo principal de sua expansão.

A presença constante destes personagens na mídia televisiva, só faz aumentar o desejo e anseio das crianças, por estes desenhos. Sarmiento (2004, p.17) afirma que “o tempo da criança é um tempo recursivo, continuamente reinvestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de ser sempre reiniciado e repetido”. Os nossos pequenos ainda não têm maturidade suficiente para compreender o tempo e o seu andamento, por isso não encontram limites em suas atividades e vão desta forma construindo caminhos de “(inter)acção numa cadeia potencialmente infinita” (ibid, p. 17).

Esses caminhos que vão se constituindo, são muitas vezes mediados não por um tempo cronológico, gerenciado por um relógio, mas por meio dos programas televisivos, que vem ditando o tempo e o ritmo de nossas vidas, tornando a TV, uma peça chave na estruturação do cotidiano. (Pinto, 2000)

Quantas crianças que ao acordarem, nos dizem com exatidão o desenho que está sendo exibido naquele horário? Que ao verem um determinado programa sabem que está na hora de tomar banho, de almoçar, de ir para escola, etc? Em nossas experiências pudemos verificar que boa parte das crianças marcam seu tempo com base na grade de programas exibidos na televisão, mas ao colocarmos um relógio em suas mãos, possivelmente não saberão nos dizer o tempo representado ali.

A televisão está tão presente na vida, das crianças, e da sociedade brasileira de forma geral, que a temos como um dos principais meio de comunicação, para obtermos informações “seguras” e como forma de entretenimento.

Este meio de comunicação, que é transmitido em massa, representa uma presença forte, no papel de amenizar a solidão e os “tempos de espera”, gerando uma atmosfera prazerosa, enquanto os pequenos desenvolvem suas demais atividades. A ação para ligar a televisão torna-se, “um acto social e não um mero acto individual”. (PINTO, 2000, p. 313)

Pinto (ibid, p. 323) referindo-se ao discurso de Silverstone nos traz dados relevantes para compreendermos a importância que a sociedade imprime para a televisão, quando nos diz que “a Tv pode ocupar, desde os anos da primeira infância, o espaço potencial deixado pelas fraldas ou pelo seio materno, funcionando com objecto transitivo”.

Com base nos dados expostos, podemos então dizer que ao longo da nossa história de vida, provavelmente a televisão já ocupava um lugar especial em nosso cotidiano. O que nos leva a compreender a necessidades das crianças de trazerem para realidade seus super heróis e sua satisfação ao estarem diante da telinha, mantendo com ela, de certa forma, um envolvimento emocional.

Buscar compreender o desenvolvimento infantil, a partir das narrativas e da presença ativa das crianças, dando a elas a voz necessária para que se expressem livremente, talvez seja um meio mais eficaz para realizar qualquer intervenção, se de fato for necessário.

### **Considerações Finais**

A sociedade tem exigido demasiadamente de cada um de nós. Quem ainda não se surpreende com a velocidade do tempo? Os dias, os anos têm passado diante de nossos olhos, como velozes estrelas cadentes. E não há o que fazer para interrompermos esta espantosa rapidez.

Precisamos aprender rapidamente como administrar o nosso tempo, e ensinarmos as nossas crianças a fazerem o mesmo movimento. Instruir para que nunca sejam passivas diante das informações recebidas pela mídia e que estas não sejam percebidas como verdades absolutas. Precisamos rapidamente fomentar nas crianças, a importância de parar e analisar.

Diante de um mundo repleto de incertezas, questionar a aprendizagem e as experiências vivenciadas pela infância presente requer um olhar reflexivo e crítico a respeito das reproduções da criança na mídia e a forma como a sociedade interage com a tecnologia, a cultura do consumo e a rapidez que as informações decorrem (SARMENTO, 2008).

Apurar o olhar para essa nova infância que se apresenta, é também socializar-se com esse universo repleto de tecnologia, onde tudo se renova com agilidade. As crianças já em seus primeiros anos de vida constroem uma forte e sólida ligação com esses veículos informativos, os trazendo para o seu universo através dos jogos e brincadeiras.

É na brincadeira que a criança pode agir de forma ativa, construindo soluções próprias para situações da vida cotidiana em que seu lugar é, em geral, de dependência e passividade, o que lhe permite reelaborar e ressignificar as vivências (BARON, 2002, p. 753).

No decorrer da sua infância a brincadeira orienta a criança em seu cotidiano, permitindo que encontre prazer entre o real e o imaginário, embora suas ações transcendam o campo da realidade, ainda assim, ela servirá de parâmetro para o brincar. É neste momento que podemos notar a influência dos desenhos transmitidos pela televisão. A criança entra em contato direto com o seu personagem predileto desejando e se “tornando” como ele em suas atitudes, expressões e linguagem, não percebendo os momentos de perigo que, por vezes, são eminentes e diante deste episódio encontramos o educador, os pais e o cuidador que ficam sem ação, perante o fato ocorrido.

O mundo das crianças é construído a partir de sua interação com os adultos e com as crianças com quem convivem (OLIVEIRA, 2011). Por isso trabalhar com os conteúdos veiculados na mídia e com os personagens por ela apresentados de forma crítica, trará a oportunidade de um debate saudável entre as crianças e seus pares e entre as crianças e os adultos, fazendo-as refletir sobre as atitudes apresentadas nos desenhos. Gerar um ambiente favorável ao diálogo, sem imposições entre o bem e o mal, o certo e o errado, possivelmente é uma forma adequada para iniciarmos um trabalho de reeducação visual.

Na trajetória da pesquisa, o caminho trilhado não foi definido a priori, mas realizado conforme as crianças se comportavam e agiam. Desta forma, as observações expostas demonstram que a escola e a família precisam com urgência de uma atitude concreta.

Todas essas situações apontadas sempre existiram, mas a questão relevante, sobretudo para a escola, é formar nas crianças o bom senso ao escolher o que assistirão, o que comprarão e etc. Com isso estaremos formando sujeitos críticos e conscientes para atuar na sociedade e serem autores de suas próprias vidas, fazendo suas escolhas de forma clara e conscientes.

Certamente que ainda há muito a se aprender, especialmente quando falamos de crianças. Mergulhamos no cotidiano, para que ele se revele através do olhar de cada pequenino.

## Referências

- BARON, Sandra C. Brincar: espaço de potência entre o viver, o dizer e o aprender. In: GARCIA, Regina Leite (org.). Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DELORME, Maria Inês Carvalho. Televisão e consumo pelo ponto de vista das crianças. In: DUARTE, Rosália (org). A televisão pelo olhar das crianças. São Paulo: Cortez, 2008.

Documentário: Criança, a alma do negócio. 2008. Direção: Estela Renner; Produção Executiva: Marcos Nisti; Maria Farinha Produções

DUARTE, Rosália (org). A televisão pelo olhar das crianças. São Paulo: Cortez, 2008.

GARCIA, Regina Leite (org). Método: pesquisa com o cotidiano. DP&A, 2003.

GOMES, Paola Basso Menna Barreto. Mídia, imaginário de consumo e educação. Revista Educação e Sociedade. Ano XXII, nº 74, abril/2011. Disponível em [www.scielo.com](http://www.scielo.com). Acessado dia 20-01-2011.

PINTO, Manuel. A televisão no cotidiano das crianças. Porto: Editora Afrontamento, 2000.

OLIVEIRA, Maria Terezinha Espinosa. Crianças narradoras e suas vidas cotidianas. Rio de Janeiro: Editora Rovel, 2011.

SARMENTO, Manuel et al. Estudos da infância: educação e praticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.

SARMENTO, Manuel et al. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2 modernidade. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho, 2003. Disponível em [www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br). Acesso em julho de 2011.

TEIXEIRA, Renato; SATER, Almir. Tocando em frente. Ano de divulgação 1991. Disponível em <http://letras.terra.com.br/renato-teixeira/298341/> Acessado em 16 de maio de 2012.

## HIGIENE E SAÚDE NA ESCOLA

### HYGIENE AND HEALTH AT SCHOOL

**Angela Silva Pieri<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos – UNIFESO. Professora na rede privada de ensino na cidade do Rio de Janeiro.

#### RESUMO

Este trabalho buscou, nas atividades desenvolvidas, levar os discentes do 2º ano, o conhecimento do próprio corpo e o cuidado que devemos ter com ele através dos hábitos higiênicos. Com o intuito de passar a autonomia do próprio corpo, foram proporcionados momentos de práticas onde conseguiram exercer sozinhos esses hábitos. No decorrer das atividades, com o auxílio de vídeos infantis, músicas, histórias, parcerias e atividades lúdicas apresentei aos alunos o sistema vital, as partes do corpo humano, as doenças que podem ocorrer no corpo com a ausência desses hábitos, a formação dos dentes, a escovação correta, alimentos saudáveis e não saudáveis para o bem-estar da boca e do corpo, entre outros conhecimentos. O tema e as atividades foram criados após minha vivência na escola Municipal Chiquinha Rolla no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), nas turmas do Ensino Fundamental I. Ali, pude perceber a carência desse assunto e surgiu a ideia da intervenção para contribuir com o esforço de minimizar o problema. O embasamento teórico deste trabalho, foi a partir das leituras dos autores Jorge Harada, artigo da Secretaria de Políticas de Saúde sobre a promoção da saúde no contexto escolar, PCN saúde e outros de igual importância, que me proporcionaram grandes conhecimentos. Todos, mas de uma perspectiva diferente, abordam a importância da promoção da saúde no contexto escolar através da intervenção. Em relação a metodologia utilizada nesta pesquisa, foi a de cunho qualitativa que visa a análise, a observação de um problema para poder reconhecer um problema e intervir.

**Palavras-chave:** Aluno, saúde, higiene corporal, higiene bucal, mudança.

#### ABSTRACT

This work sought, in the developed activities, to bring the students of the 2nd year, the knowledge of their own body and the care that we should take with it through hygienic habits. In order to pass the autonomy of one's own body, moments of practice were provided where they were able to exercise these habits alone. During the activities, with the help of children's videos, music, stories, partnerships and playful activities, I presented to the students the vital system, the parts of the human body, the diseases that can occur in the body with the absence of these habits, the formation of teeth. , correct brushing, healthy and unhealthy foods for the well-being of the mouth and body, among other knowledge. The theme and activities were created after my experience at Chiquinha Rolla Municipal School in the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID), in the classes of Elementary School I. There, I could see the lack of this subject and the idea of intervention for contribute to the effort to minimize the problem. The theoretical basis of this work was from the readings of the authors Jorge Harada, article of the Health Policy Secretariat on health promotion in the school context, NCP health and others of equal importance, which provided me with great knowledge. All, but from a different perspective, address the importance of health promotion in the school context through intervention. Regarding the methodology used in this research, it was the qualitative one that aims at analysis, observation of a problem in order to recognize a problem and intervene.

**Keywords:** Student, health, body hygiene, oral hygiene, change.

## Introdução

O tema deste projeto, Higiene e saúde na escola, surgiu durante meu período de atuação como bolsista do PIBID na Escola Municipal Chiquinha Rolla, uma instituição pública situada na Rua Beira-Linha no bairro Cascata Guarani. Uma comunidade humilde, carente de saneamento, por onde passa o Rio Paquequer, que se encontra sujo, com muitos insetos, ratos, capivaras e de fácil acesso aos moradores, principalmente para as crianças, que brincam dentro dele.

A Instituição Funciona no período matutino (7:00 às 12:00) e no período vespertino (12:00 às 17:00) com 309 alunos ao todo. Os níveis de ensino que a escola atende vão da Educação Infantil ao 1º segmento do Ensino Fundamental.

O espaço físico apresenta sete salas de aula, laboratório de informática, dois banheiros sendo um feminino e um masculino (com três vasos sanitários, pia e espelhos), uma sala de recursos, uma secretaria, uma sala de direção, uma sala dos professores, uma sala da orientação pedagógica, um banheiro para funcionários, um depósito de material de limpeza, um refeitório amplo, uma cozinha, uma biblioteca e um parquinho. O pátio coberto não é muito grande, mas ali as crianças fazem exposições e brincam nos dias de chuva.

## Identificação do Problema

Para problematizar o tema, trago a seguinte questão que será a norteadora desse trabalho: Como a escola pode ajudar na divulgação e na conscientização dos seus alunos, referente ao saneamento básico e nos hábitos pessoais de higiene.

## Objetivos

### Geral:

Promover com os alunos o conhecimento da importância de ter hábitos higiênicos.

### Específicos:

- Levar os alunos a perceberem a necessidade de adquirir bons hábitos de higiene.
- Mostrar as doenças causadas pela falta de cuidados com o corpo.
- Dar oportunidade aos alunos de vivenciarem práticas higiênicas na rotina escolar.
- Desenvolver autonomia dos alunos para cuidarem de si mesmo, utilizando dinâmicas.

Durante o período em que atuei como estagiária do PIBID nesta instituição, pude constatar um significativo desconhecimento por parte das crianças em questões referentes à higiene pessoal, presenciando assim várias consequências provenientes da falta de certas práticas relacionadas ao assunto, como por exemplo: alunos com piolho, com fortes odores, com sarna, entre outros. Perante a esse cenário, resolvi realizar o projeto de intervenção nessa escola, levando como questão norteadora o seguinte

questionamento: De que maneira a escola pode ajudar na divulgação e na conscientização dos seus alunos referente aos hábitos pessoais de higiene?

Para promover aos alunos o conhecimento e a importância de ter hábitos higiênicos foram desenvolvidas diversas atividades acerca do tema, com o intuito de proporcioná-los a oportunidade de vivenciarem práticas higiênicas na rotina escolar, desenvolvendo a autonomia sobre os cuidados com o seu corpo e permitindo que esses conhecimentos sejam repassados para seus familiares, gerando assim, uma mudança na comunidade.

### **Desenvolvimento**

Acredito que devido aos fatores socioeconômicos da comunidade na qual as crianças estão inseridas, a escola passa a ser um importante veículo capaz de fornecer as informações necessárias à saúde e trabalhar os hábitos de higiene de seus alunos com o objetivo de orientá-los a uma escolha de vida mais saudável.

Jorge Harada (2002) acredita que mesmo com o avanço das discussões sobre a promoção da saúde, das últimas décadas ainda se faz necessário implantar novas estratégias para conquistar uma melhor condição de saúde e de qualidade de vida, visando não somente a recuperação e proteção, mas principalmente a promoção da saúde. Ele ainda acrescenta que para todos terem uma vida saudável é preciso uma intervenção dentro do contexto histórico social, do cenário de atuação, no caso a escola, que ultrapasse o ministério da saúde, pois todos têm que participar, inclusive a população.

Complementando o que o autor diz, a Secretaria de Políticas de Saúde do Ministério da Saúde, afirma que:

A educação é um ambiente de boas divulgações sobre a concretização de ações de promoção da saúde voltadas para o fortalecimento das capacidades dos indivíduos, para a tomada de decisões favoráveis à sua saúde e a da comunidade, para a criação de ambientes saudáveis e para a consolidação de uma política Intersetorial voltada para a qualidade de vida, pautada no respeito ao indivíduo. (BRASIL, 2002)

Com base nos teóricos estudados, as atividades foram elaboradas de acordo com a realidade e com as necessidades dos alunos para que assim a intervenção fosse mais realista e possível para a mudança.

### **Registro da aplicação das atividades**

#### **Aula passeio no UNIFESO**

Antes de levar os estudantes ao entendimento sobre os hábitos de higiene e sua importância, quis proporcioná-los o conhecimento do próprio corpo. Para isso, foi realizada uma parceria com o UNIFESO e o professor de Medicina Reginaldo. Levou-os ao laboratório de habilidades da instituição para aprender sobre o corpo humano.

Um encontro muito produtivo e rico em aprendizado. Através de um manequim do corpo humano, as crianças tiveram a oportunidade de visualizar e manusear os órgãos, como: fígado, rins, coração, cérebro, além de aprender suas funções, sua importância no nosso corpo. Após a explicação, o professor Reginaldo respondeu algumas perguntas, sanando as dúvidas que foram surgindo, como: “Porque temos veias? ”, “Como elas surgem? ”, “Porque sai sangue quando a furamos? ”, “Como o coração bate? ”. As crianças ficaram encantadas pelo contato com as peças do corpo humano, algumas até assustadas por parecer muito real.

Este momento foi significativo para o aprendizado dos estudantes, porque proporcionou-lhes o contato com os manequins do laboratório, sentir o que estava sendo estudado, tornando assim a aprendizagem mais real. Freinet (1973) afirma que: ‘A aula-passeio proporciona sentir com todo o nosso ser, não só objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural’. Ainda neste aspecto, o mesmo ainda ressalta que:

O educador e seus alunos passaram a ter um relacionamento bem diferente do que a escola tradicional propunha, visto que, durante os passeios, eles interagiam entre si. Esse novo relacionamento deixava de lado aquela distância existente entre professor e alunos, dando lugar a um relacionamento mais afetivo e participativo, e espaço para o aluno expressar-se. (FREINET, 1973)

### Conhecendo o corpo

A ideia de levar o conhecimento do próprio corpo para os alunos surgiu através da leitura e da compreensão do Caderno de Educação Popular e Saúde, quando Reis (2010) afirma que:

[...] se conhecer de verdade é uma ferramenta para a auto reavaliação de alguns atos às vezes impensáveis. Saber como é o seu corpo é uma atitude consciente para se viver bem, e construir atitudes relevantes em relação à vida.

Articulando o que foi lido no Caderno de Educação popular e saúde e dando continuidade na dinâmica da primeira atividade, apresentei a eles o vídeo chamado O Corpo Humano, produzido pela Smartkid que aborda os sistemas vitais (Respiratório, Muscular, digestório e circulatório) formados pelos órgãos com os quais tiveram contato no primeiro encontro. Em seguida, houve uma explicação da formação de cada sistema e seu papel. Durante a explicação, as crianças participaram lembrando o passeio ao laboratório, trazendo seus conhecimentos adquiridos no dia.

Seguimos para o pátio e realizamos uma dinâmica chamada *Eu conheço um Jacaré*, na qual a professora canta: “Eu conheço um jacaré que gosta de comer, esconda seu...” Neste momento, eram dadas dicas da parte do copo humano ou do órgão e os alunos precisavam adivinhar para dar continuidade à música: “porque senão não o jacaré come (a parte do corpo) e o dedão do pé”. Nessa atividade, algumas crianças mostraram dificuldade em reconhecer algumas partes do corpo, como por exemplo: cotovelo, calcanhar. Para terminar, em duplas os alunos contornaram o corpo do colega de turma no chão do pátio.

Exibição do vídeo, atividades com o corpo:



Fonte: Arquivo da autora

### **Saúde bucal**

Após trazer para os alunos o conhecimento da parte interna e externa do corpo humano, começamos a falar sobre o cuidado que devemos ter para a preservação do mesmo. Para darmos início, falamos sobre a higiene bucal. Nesse dia, as crianças assistiram o desenho animado chamado “Missão Saúde Bucal”, que aborda as doenças causadas pela má escovação, os quatro tipos de dentes existentes na boca, os itens necessários para a realização de uma boa escovação e a correta maneira de escovar os dentes.

Os alunos tiveram a oportunidade de colocar em prática, através de uma boca feita em EVA, a escovação correta que aprenderam no desenho. Também falamos sobre as cáries, dentes de leite e os alimentos saudáveis e não saudáveis para nossa boca.

Para finalizar, realizamos um exercício no qual foram apresentados dois dentes: um saudável e outro com cárie. A partir deles, os alunos foram desafiados a colocar os alimentos correspondentes à situação de cada dente. As atividades realizadas neste dia, foram espalhadas nas atividades contidas no Guia de Sugestões e Atividades Semana Saúde na Escola.

### **Higiene Corporal**

Baseado em resultados de pesquisa feitas por estudiosos na área, o PCN afirma que na relação entre escola e saúde fica evidente que:

A associação entre acesso à educação e melhores níveis de saúde e de bem-estar. Verifica-se, por exemplo, que as taxas de mortalidade infantil são inversamente proporcionais ao número de anos de escolaridade da mãe no ensino básico, em diferentes países e realidades. Essa associação é tão significativa que continua válida mesmo quando são isolados fatores tão importantes quanto a renda familiar.

Para contribuir ainda mais nesta relação, em 1997 foi editada a Lei no 5.692 onde colocou formalmente no currículo escolar a temática da saúde, sob a designação genérica de Programas de Saúde,

com o objetivo de levar a criança e o adolescente ao desenvolvimento de hábitos saudáveis quanto à higiene pessoal, alimentação, no sentido de preservar a saúde pessoal e a dos outros. Porém, esta lei estabeleceu que:

Os Programas de Saúde fossem trabalhados não como disciplina, mas sim “de modo pragmático e contínuo, por meio de atividades (segundo um) tipo de ensino que deve contribuir para a formação de atitudes e aquisição de conhecimentos, de valores que condicionem os comportamentos dos alunos, estimulando os a aprender e capacitando-os a tomar atitudes acertadas nesse campo. (PCN 1998)

Para abordarmos a higiene do corpo de acordo com a regra estabelecida pela Lei 5.692/97 elaborei algumas atividades que proporcionassem os alunos, de uma forma lúdica, a praticar os hábitos higiênicos.

No primeiro momento, as crianças ouviram a música do Castelo Ra-tim-bum: Hora do Banho, que ao decorrer da letra ensina as partes do corpo humano que devem ser lavadas. Em seguida, eles assistiram ao vídeo: Higiene Pessoal, que fala sobre higiene do corpo, as doenças causadas pela falta dela, alimentação e exercícios.

Finalizamos com uma exposição de produtos necessários para se obter uma boa higiene. Nessa ocasião, as crianças tiveram a ideia de criar um boneco chamado Frank, que chega a sua casa depois de ter brincado na rua e precisa tomar banho. As crianças colaram no boneco os produtos necessários para a higiene e nas corretas partes do corpo o que devemos usar.

Um dos alunos relatou não ter sempre acesso à água, outro disse que sua mãe não teria condições para comprar fio dental e enxaguante bucal, por isso só escovava os dentes com escova e pasta de dente.

Exposição de produtos necessários para se obter uma boa higiene:



Fonte: Arquivo da autora

## Hora da história

De acordo com os Parâmetros curriculares nacionais de saúde

Em suas práticas pedagógicas, a escola adotou sistematicamente uma visão reducionista de saúde, enfatizando os seus aspectos biológicos. Mesmo ao considerar a importância das condições ambientais mais favoráveis à instalação da doença, a relação entre o “doente” e o “agente causal” continuou — e continua até hoje — a ser priorizada.

Apesar de ser um projeto realizado especificamente da turma do 2º ano, decidimos divulgar nosso aprendizado para que assim, outros alunos e funcionários tivessem as mesmas informações. Dessa forma, estimulados pelos vídeos, pelas histórias e atividades apresentadas até o momento, as crianças elaboraram cartazes e panfletos, que foram distribuídos na escola, com mensagens e dicas sobre higiene e saúde que aprenderam no projeto. Tentando assim diminuir esta visão reducionista que o PCN traz e estimular as pessoas a terem hábitos higiênicos

Em seguida, realizamos a narração das seguintes histórias: *Por que devo me banhar?* e *O dente ainda dói*.

## Visitas das Dentistas

O Guia de Sugestão e Atividades Semana Saúde na Escola, mais especificamente na ficha de atividade 02, traz a importância da participação de um profissional na área da saúde no contexto escolar para apresentar as propostas e as campanhas para os alunos e seus familiares.

Pensando nisso, conseguimos outra importante parceria com o UNIFESO, desta vez com a professora e coordenadora do curso de odontologia Mônica Labuto junto com suas três alunas. Elas foram à Escola Municipal Chiquinha Rolla falar sobre a importância da higiene bucal. As estudantes iniciaram a conversa com a primeira pergunta: “Quem escova os dentes todos os dias?”, como resposta, todos os alunos da turma levantaram a mão, e em seguida, perguntaram: “Quantas vezes por dia vocês realizavam a escovação?”, a maioria respondeu três vezes, porém um dos alunos respondeu a seguinte frase: “Tia, eu escovava três vezes: quando acordava, antes de ir para escola e antes de dormir, mas agora, depois do projeto da Tia Ângela, eu escovo quatro vezes porque eu escovo depois do recreio” e finalizaram com a seguinte pergunta: “Quem já foi ao dentista?”, para a nossa surpresa, em uma turma de (26) vinte e seis alunos, somente (2) dois deles tinham ido ao dentista no posto de saúde da comunidade.

Em um segundo momento, as alunas apresentaram dois manequins dentários: um sem cárie e o outro com cárie, e a partir deles, mostraram o movimento correto que se deve fazer na hora da escovação, o correto uso do fio dental, e a quantidade necessária de pasta dental.

Os alunos interagiram trazendo os aprendizados adquiridos nas atividades anteriores, como: os tipos de dentes existentes na boca, os alimentos saudáveis e não saudáveis para o dente.

Por último, distribuíram kits-dental compostos por uma escova, uma pasta, um fio dental e uma história informativa.

As futuras dentistas levaram os alunos ao banheiro para que eles pudessem realizar a escovação sobre orientação correta. Este momento foi muito importante, porque além da oportunidade de colocar em prática o que aprenderam nesse encontro, foi um momento no qual eles puderam trazer também os conhecimentos adquiridos durante todo o projeto. É válido ressaltar a alegria das crianças em ganhar os kits.

### **Os Heróis contra a bactéria**

Encerramos o projeto com uma peça teatral chamada: Os Heróis Contra a Bactéria, assistida pela escola. O nome, o roteiro e os personagens foram elaborados pelos alunos de acordo com seu aprendizado acerca do tema.

Essa atividade foi modificada pelos alunos. A ideia inicial, era me reunir com outros discentes do curso de pedagogia para montar o teatro, porém quando levei a proposta para as crianças me pediram para participar e mostrar para os outros colegas da escola. Foi de grande importância para meu projeto e acredito que para elas, pois através da peça pude perceber o que realmente aprenderam e o interesse de cada aluno sobre o assunto, além da oportunidade de partilhar de seu conhecimento com outros colegas da escola.

Segue em anexo o roteiro da peça. A ideia desta atividade surgiu a partir da leitura do Guia de Sugestões e Atividades Semana Saúde na Escola

### **Os impactos do projeto de intervenção na Escola Municipal Chiquinha Rolla**

Os alunos em todas as atividades se mostram envolvidos, empenhados e as desenvolveram com afinco. Durante este tempo pude perceber mudanças no comportamento, como: lavar as mãos antes das refeições oferecidas pela escola, escovar os dentes depois do recreio, as meninas começaram a ir com o cabelo mais arrumado, começaram a ir com roupa mais limpa, alguns alunos relataram que pediram as mães para cortar suas unhas, que as mães passaram remédio para piolho e que comentaram em casa sobre o projeto. Ou seja, com essas atividades acredito, que mesmo momentâneo, meu objetivo de passar para eles a importância da higiene, autonomia do próprio corpo e mudança nos hábitos higiênicos foi atingido.

A equipe gestora da Escola Municipal Chiquinha Rolla, junto com a professora da turma do 2º ano, me deram apoio e liberdade para desenvolver meu projeto com os alunos. A diretora Eliana, com a coordenadora Daniele, me ajudou no passeio para a faculdade mandando comunicados aos pais sobre a atividade fora da escola, além de disponibilizar funcionário para auxiliar no trajeto com os alunos. Porém mesmo com esse apoio e liberdade, a escola não se envolveu, deixando assim ser um projeto mais restrito aos alunos do 2º ano.

Quando dei início ao meu projeto, a turma estava passando por um processo de troca de professor, até o final do projeto passaram três professores pela turma, com toda essa transição os alunos ficaram com mau comportamento e atrasados no processo de ensino aprendizagem. Nenhuma das

professoras da turma, neste ano essa turma teve várias professoras, participou das atividades. Os alunos eram deixados sob a minha responsabilidade e elas só retornavam ao final da realização das propostas.

A terceira professora ficou mais tempo com a turma durante o projeto, e quando a turma não a obedecia, pelo projeto ser um dos momentos em que a turma mais gostava, ela deixava alguns alunos sem participar do projeto, como forma de puni-los. Essa situação me levou a ter uma conversa com a professora, explicando todo o processo do projeto, a importância de todos participarem de todas as atividades.

Acredito que por causa do atraso nos conteúdos programáticos na grade curricular, o projeto não terá continuidade por mais que seja um assunto que ainda necessita ser abordado na escola.

### Conclusão

Concluimos que apesar de desafiador, a presença do educador, como mediador, torna-se imprescindível e fundamental, pois é necessário que o conhecimento seja extensivo a todos. É preciso facilitar o processo de ensino e aprendizagem com propostas inovadoras, lúdicas e significativas, para que o aluno se aproprie do conhecimento científico a respeito do próprio corpo, sobre as condições de vida do local onde vive e sobre a importância de colocar em prática certos hábitos que contribuirão decisivamente no cuidado com o corpo. Quando o aluno percebe que estes hábitos o ajudam a viver melhor, sem dúvida alguma ele estará motivado a colocar em prática com regularidade.

Desta forma, acredito que este projeto de intervenção, realizado com propostas que promoveram a participação prazerosa de todos os alunos, possa contribuir para que os hábitos de higiene sejam realizados sistematicamente por todos refletindo numa mudança de hábitos e atitudes que dêem a todos uma melhor qualidade de vida e saúde.

### Referências

- BRASIL. **A promoção da saúde no contexto escolar.** Revista Saúde Pública 2002; 36(2):533-5. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v36n4/11775.pdf>>. Acesso em: 20. mar.2017
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Saúde. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CORPO HUMANO.** Smartkids, São Paulo, 2012. So., color. Legendado. Disponível em: <[https://www.youtube.com/channel/UCYsddIHCB02ZL4ck\\_o9anlA](https://www.youtube.com/channel/UCYsddIHCB02ZL4ck_o9anlA)>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- FREINET, C. **As técnicas Freinet da Escola Moderna.** Tradução: Silva Letra. Lisboa: Editorial Estampa, 1973
- HARADA, JORGE. **Cadernos de Escolas Promotoras de Saúde –vol. I. 2002.** Disponível em: <[http://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/img/cadernosbpfinal.pdf](http://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/img/cadernosbpfinal.pdf)>. Acesso em: 08. Jul.2017
- HIGIENE PESSOAL.** Centro Municipal de Saúde. São Paulo, 2013. (1045 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mgqRx3vp2qs>>. Acesso em: 06 jun. 2018.
- LLEWELLYN, Claire. **Por que devo me lavar?** Florianópolis: Scipione, 2002.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Caderno de Educação Popular e Saúde. Brasília-df: 2007.**

MINISTÉRIO DA SAÚDE. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Semana Saúde na Escola Guia de Sugestões de Atividades**. Brasília-df: Brasil, 2012. Disponível em:<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/semana\\_saude\\_escola\\_guiia\\_sugestao\\_atividades.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/semana_saude_escola_guiia_sugestao_atividades.pdf)>.

Acesso em: 25 jul. 2017.

**MISSÃO SAÚDE BUCAL**. Network, São Paulo, 2010. (1055 min.), son., color. Disponível em:<[https://www.youtube.com/watch?v=YOMaEHyiy\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=YOMaEHyiy_g)>. Acesso em: 08 ago. 2018.

TERRA, Ana. **O dente ainda dói**. 2. ed. São Paulo: DCL Editora, 2012..

**TOMANDO BANHO**. Castelo Rá Tim Bum-ratinho. Rio de Janeiro, 2012. (135min.) son, color. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=Nq04QXs444w>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

# A PSICOMOTRICIDADE NO DESENVOLVIMENTO FÍSICO, COGNITIVO E SOCIAL DA CRIANÇA<sup>1</sup>

*PSYCHOMOTRICITY IN CHILD PHYSICAL, COGNITIVE AND SOCIAL DEVELOPMENT*

**Ana Lua Fajin Pena<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos – UNIFESO. Professora na rede privada de ensino de Teresópolis-RJ.

## Resumo

Este projeto de intervenção *O trabalho psicomotor no desenvolvimento da criança*, visa buscar meios que possam proporcionar ao estudante atividades psicomotoras que contribuam para o seu pleno desenvolvimento, otimizando o seu processo de aprendizagem. Tendo em vista que a “psicomotricidade é a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo” (ABP), podemos compreender a necessidade dessas atividades para o desenvolvimento infantil nos espaços escolares e não escolares. Tem como objetivo, desenvolver atividades psicomotoras, ampliar as habilidades sócio afetivas e promover a interação através de jogos e brincadeiras, e as leituras de Almeida, Machado, Wallon, Galvão e outros, auxiliaram como base teórica nas atividades. Como estratégias de intervenção foram utilizadas diversas atividades como circuitos, contação de histórias, dinâmicas, apresentações e outras atividades que estimulam o desenvolvimento motor, psíquico e cognitivo da criança.

**Palavras-chave:** Psicomotricidade; Desenvolvimento cognitivo; Relações interpessoais; Afeto.

## Abstract:

This intervention project *The psychomotor work in child development* aims to find ways that can provide the student with psychomotor activities that contribute to their full development, optimizing their learning process. Considering that “psychomotricity is the science that has as its object of study the man through his moving body and in relation to his internal and external world” (BPA), we can understand the necessity of these activities for the child development in the spaces. school and non-school. To develop psychomotor activities, expand socio-affective skills and promote interaction through games and play, and the readings of Almeida, Machado, Wallon, Galvão and others, helped as a theoretical basis in the activities. As intervention strategies were used various activities such as circuits, storytelling, dynamics, presentations and other activities that stimulate the child's motor, psychic and cognitive development.

**Keywords:** Psychomotricity; Cognitive development; Interpersonal relationships; Affection.

## Introdução

Esse projeto de intervenção surgiu a partir de uma observação feita durante o estágio obrigatório na casa São José, um espaço de educação não escolar, que atende aos segmentos da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, e conta com um total de 86 alunos, funcionando nos turnos da manhã e da tarde, atendendo a comunidade de alguns bairros do entorno, como Alto, Beira Linha, Santa Cecília, Granja Guarani.

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito final para graduação em Pedagogia no Centro Universitário Serra dos Órgãos – UNIFESO- Teresópolis, RJ, em 2018.

A proposta desse espaço é oferecer aos estudantes, oportunidades de acesso a novos conhecimentos, culturas e saberes fora do espaço escolar onde as crianças têm direito a uma alimentação balanceada, aulas de música, teatro, informática entre outras atividades. Segundo Gohn,

Na educação não formal, essa educação volta-se para a formação de cidadãos (as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres para com o(s) outro(s). (2014, p. 40)

Para isso, esse projeto buscou promover atividades que estimulem as habilidades sociais, motoras e cognitivas através da psicomotricidade, com o intuito de preparar os alunos para os desafios da vida em sociedade.

A faixa etária das crianças é de 5 a 11 anos e dentre as atividades educativas desenvolvidas, podemos listar reforço escolar, utilizando jogos e brincadeiras; oficinas de informática, de artes, confecção de brinquedos.

A Casa São José está situada no Bairro do Alto, na Rua Ary Barroso nº157, no município de Teresópolis, cidade serrana do estado do Rio de Janeiro. Essa instituição é dirigida pelas irmãs Carmelitas da Divina Providência, abriga crianças que necessitam de um lugar seguro e saudável durante o horário de trabalho de seus pais.

O espaço é composto de dois andares: o andar térreo contém três salas de aula, um salão de vídeo, a sala da coordenadora, dois banheiros para atender as crianças e um para os funcionários. Na parte externa há um pátio descoberto com brinquedos (balanço, escorrega e casinha, que são utilizados pelas crianças menores.)

No segundo andar o espaço é composto de um grande salão dividido em diferentes ambientes como: brinquedoteca, laboratório de informática, sala de vídeo e teatro, e uma quadra coberta, bem espaçosa.

Durante o meu estágio, foi diagnosticada, a dificuldade de relacionamento entre as crianças, confirmada em conversa com a coordenadora da instituição, a pedagoga Evanilda Gomes Pereira Leite.

Conforme leituras realizadas, o trabalho com o corpo das crianças tanto nas escolas quanto em espaço não escolar, ainda é pouco desenvolvido necessitando de mais atenção por parte dos educadores, visto que de acordo com Wallon (2002 apud GALVÃO, 2005), as atividades com o corpo promovem o desenvolvimento físico, emocional e motor das crianças. Por isso, a situação problema para o desenvolvimento deste projeto foi “Qual a importância das atividades psicomotoras no desenvolvimento da criança em espaço não escolar?”

Durante a minha formação acadêmica, foram proporcionados diversos estudos em que pude compreender melhor a formação do indivíduo como um todo, levando em consideração seus aspectos físicos, mentais e sociais. Sabendo a importância de serem trabalhados durante toda a formação básica, esses aspectos devem ser abordados de forma conjunta visando o pleno desenvolvimento do indivíduo.

Sendo assim, podemos compreender a necessidade das atividades psicomotoras para o desenvolvimento infantil nos espaços escolares e não escolares. Segundo a Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP) “a psicomotricidade é a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo” (ABP).

Assim, a proposta de intervenção foi a realização do projeto com o tema O trabalho psicomotor no desenvolvimento físico, cognitivo e social da criança, proporcionando ao aluno atividades psicomotoras que contribuíssem para o pleno desenvolvimento, otimizando o seu processo de aprendizagem.

Esse projeto de intervenção teve como objetivos, identificar as atividades psicomotoras para o desenvolvimento infantil no espaço não escolar; desenvolver atividades psicomotoras; trabalhar as habilidades sócio afetivas e promover a interação através de jogos e brincadeiras.

A partir das observações, foram feitos alguns estudos sobre o desenvolvimento físico, motor, cognitivo e social da criança, tendo as leituras de Almeida, Machado e Galvão como norteadoras das propostas das atividades.

Segundo Wallon (2002, apud GALVÃO, 2005) a formação do indivíduo é formada pelas dimensões motora, afetiva e cognitiva, o que enfatiza a importância desses aspectos serem abordados no âmbito escolar. Pensando nisso foram elaboradas diversas propostas de intervenção que atendessem a essas dimensões do desenvolvimento humano.

Ilustro este projeto com algumas experiências vividas durante as aplicações das atividades e apresento minhas reflexões sobre os impactos causados com a realização deste projeto na Casa São José.

## **Desenvolvimento**

De acordo com Wallon (2002, apud GALVÃO, 2005) para o desenvolvimento integral da criança é preciso realizar atividades que proporcionem o trabalho motor, afetivo e cognitivo da criança. Tendo em vista que a casa São José é um espaço que tem como finalidade a formação integral do indivíduo, foram propostas diversas atividades que atendam a essa demanda.

Além do objetivo de formação da criança, esse projeto de intervenção tem como finalidade melhorar as relações interpessoais entre os alunos, já que esse foi o maior problema identificado durante o processo de observação de campo.

Sabendo da diversidade existente na turma nos aspectos culturais e principalmente na diferença de idade entre os alunos, as atividades propostas foram pensadas para atender a essas diferenças.

Sendo assim, foram desenvolvidas diversas atividades, como jogos, brincadeiras, contação de histórias, produção textual, circuitos psicomotores, entre outras propostas que pudessem intervir no problema identificado. Tais atividades foram baseadas a partir das ideias de um grande pensador da psicomotricidade relacional, Lapierre.

## Registro da aplicação das atividades

### Desenho coletivo

No dia 12 de abril de 2018, dei início às atividades de intervenção na Casa São José. O primeiro contato com a turma, que recebe alunos de 6 a 9 anos, foi bem proveitoso e satisfatório.

Para o primeiro contato elaborei uma dinâmica de apresentação dos nomes utilizando o esquema corporal. Para essa dinâmica foi apresentado um movimento para cada vogal, e para a apresentação cada criança deveria fazer os movimentos respectivos com as vogais do seu nome.

Após a apresentação dos nomes, eu expliquei como seriam os próximos encontros e o objetivo das atividades. Como o problema identificado na turma foi sobre relações interpessoais e de convívio da turma, propus a turma que fizéssemos um desenho coletivo.

Essa atividade consiste em cada um iniciar um desenho e quando dado o comando, cada um passaria o seu desenho para o seu colega da direita, explicando assim os aspectos de lateralidade. Após algumas rodadas pedi para que cada aluno apresentasse o seu desenho, perguntando se haviam gostado ou não do resultado.

A cada apresentação foram levantados aspectos importantes sobre convivência, como:

“Não podemos fazer no desenho do outro o que não gostaria que fizesse no seu.”  
“Precisamos tentar entender o que o outro estava querendo fazer no seu desenho.”  
“Cada um tem facilidade e dificuldade em coisas diferentes.”

Entre outras questões que fizeram as crianças refletirem sobre a atividade realizada.

Essa atividade teve um caráter diagnóstico, com o objetivo de identificar as principais fragilidades da turma e realizar as intervenções necessárias para buscar atender as demandas identificadas. Segundo Luckesi (2005) a avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe de uma forma solta e isolada. É condição de sua existência a articulação com uma concepção pedagógica progressista (...) tendo isso em vista, foram elaboradas atividades para atender as fragilidades identificadas.

Para encerrar esse primeiro momento, lancei o desafio do amigo oculto da amizade. A missão desse amigo oculto é de observar e descobrir quais são as qualidades e as preferências do seu amigo secreto. O objetivo dessa proposta é de estreitar os laços de relacionamento entre a turma, aprender a observar e a ouvir o interesse e qualidade do outro.

## Circuito psicomotor

Para iniciar o segundo encontro, fizemos o amigo oculto das qualidades que foi tirado no último encontro. Cada aluno teve que falar as qualidades e o que o seu amigo secreto gosta de fazer. Foi um momento de muita reflexão para as crianças, em relação ao outro e a elas mesmas.

Como eu havia prometido na outra atividade, se eles guardassem o segredo do amigo oculto eu levaria uma surpresa. Essa surpresa foi um pirulito para cada um com uma qualidade escrita na embalagem, foi feito um par de cada qualidade, para assim formarem as duplas para o circuito psicomotor.

Utilizei essa estratégia de formação das duplas para promover parcerias diferentes das quais eles já estão habituados. Conforme fomos montando as duplas, fizemos algumas observações sobre as qualidades que foram apresentadas, foram elas paciência, carinho, bondade, criatividade, entre outras.

Após a formação das duplas, fomos para o pátio, onde o circuito já estava preparado. O circuito foi organizado da seguinte forma, o primeiro obstáculo era uma sequência com quatro bambolês, depois uma barra que eles deveriam pular, um arco que deveriam passar por baixo, outra barra para pularem e outro arco para passarem por baixo. De acordo com o Referencial Curricular Nacional Educação Infantil (BRASIL, 1998 vol. 3), o movimento é uma forma de linguagem, em que a criança expressa seus sentimentos e emoções através do corpo e do movimento, que são aspectos importantes para o desenvolvimento e a construção da cultura humana.

As crianças fizeram o percurso de olhos vendados, sendo guiados pela sua dupla. Durante essa atividade foram desenvolvidas habilidades psicomotoras de grande importância para o desenvolvimento do indivíduo, como lateralidade, coordenação motora grossa, equilíbrio, percepção auditiva, desenvolvimento da oralidade no momento em que estão guiando o colega da dupla.

Após o circuito fizemos uma roda de conversa sobre a experiência de fazer o circuito com os olhos vendados, levando em consideração a importância e a necessidade de ter um colega guiando e a importância do colega que está guiando dar as coordenadas corretas, entre outras situações. Foi um momento de diversão e de muito aprendizado.

### **Contação de história**

No dia 26 de abril de 2018, foi proposto um momento de contação de histórias pelos próprios alunos. Primeiramente, para realizar essa atividade, separei a turma em 4 grupos com aproximadamente 5 alunos. Para a divisão dos grupos, distribuí balas aleatoriamente e o grupo seria formado pelas crianças que tivessem a mesma bala. Essa estratégia é para provocar maior interação entre os alunos e incentivar novos relacionamentos entre eles. Segundo Galvão:

Ao participar de grupos variados a criança assume papéis diferenciados e obtém uma noção mais objetiva de si própria. Quanto maior a diversidade de grupos de que participar, mais numerosos serão seus parâmetros de relações sociais, o que tende a enriquecer sua personalidade. (GALVÃO, 2005 p.102)

No segundo momento, distribuí alguns personagens de dedoches entre os grupos e dei uma cartolina para cada grupo para que eles fizessem o cenário da história. Esse momento foi muito desafiador para os alunos, já que teriam que entrar em um consenso sobre o tema da história, o cenário, o enredo, os personagens entre outros desafios que foram aparecendo durante a atividade. Pude observar uma melhora no comportamento dos alunos em relação ao respeito e compreensão com o outro.

Durante essa atividade foram desenvolvidas diversas habilidades essenciais para formar cidadãos capazes de conviver em sociedade, respeitando as ideias e os pensamentos divergentes dos seus, sabendo expressar suas opiniões de forma não ofensiva e o trabalho em grupo, com pessoas diferentes

das que estão habituadas, além de estimular a imaginação, a escrita, a oralidade e o desenvolvimento da linguagem durante a construção e apresentação da história.

Na apresentação, pude observar a diversidade de ideias, em relação aos enredos das histórias. Isso mostra a necessidade de proporcionar ao aluno momentos como esse, em que eles possam expressar suas opiniões e pensamentos, possibilitando o desenvolvimento motor, cognitivo e social da criança.

### **Dinâmica do espelho**

No dia 03 de maio de 2018, meu objetivo foi de proporcionar aos alunos um momento de reflexão e valorização do próprio eu, para isso elaborei uma dinâmica do espelho. No primeiro momento, apresentei uma caixa misteriosa numa roda de conversa, expliquei para as crianças que dentro da caixa havia um retrato de uma pessoa muito especial, e que cada um deveria falar as qualidades dessa pessoa que estava na caixa.

Em seguida, pedi a um por um, para que viesse até a caixa e dissesse uma qualidade e o porquê dessa pessoa ser tão especial, e no que essa pessoa tinha que melhorar. Ao abrir a caixa os alunos tinham uma grande surpresa ao se deparar com um espelho e verem sua própria imagem na caixa. Durante essa atividade, pude perceber a dificuldade que os alunos tinham ao falar sobre suas próprias qualidades, notar uma baixa estima na maioria deles, e a facilidade de reparar mais nos seus próprios defeitos do que em suas qualidades. Um aluno em especial me chamou muita atenção porque ele não conseguia dizer nem sequer uma qualidade sua.

Essa atividade foi um momento auto reflexivo para os alunos, por isso considero esses momentos muito importantes para a construção do eu e da sua identidade, porque se um aluno não é capaz de valorizar o seu próprio eu, tão pouco será capaz de valorizar o outro, o que traz uma série de problemas nas relações interpessoais e intrapessoais.

Com a mesma função da crise personalista, a oposição da adolescência apresenta-se, todavia, mais sofisticada do ponto de vista intelectual, já que a conduta do sujeito incorpora as conquistas cognitivas realizadas durante o estágio categorial. Diferente da criança pequena, que é mais emocional na vivência de seus conflitos, o adolescente procura apoiar suas oposições em sólidos argumentos intelectuais. (GALVÃO, 1995 p. 55)

Com isso, é preciso que a escola proporcione momentos como esse, para que a criança possa refletir sobre o eu, seus comportamentos e atitudes que precisam ser melhoradas. Também é importante que a criança aprenda a conhecer e valorizar suas qualidades e possa atingir um ponto de satisfação consigo mesma.

Depois dessa dinâmica fizemos uma roda de conversa sobre essa experiência de autorreflexão, e a maioria dos estudantes relatou a mesma dificuldade de valorizar suas qualidades, mas acharam interessante o momento de apontar aquilo que eles sabiam que deviam mudar em seu comportamento, não só no ambiente escolar, mas na relação com a família e outros do seu convívio.

### **Dinâmica das igualdades e diferenças**

No dia 18 de maio de 2018 usei como inspiração uma dinâmica que aparece no filme *Escritores da Liberdade*. A proposta teve como objetivo mostrar aos alunos o que eles têm em comum e buscar compreender e aceitar as dificuldades do outro.

Essa dinâmica aconteceu da seguinte forma, eu desenhei no chão dois círculos, um escrito “não” e o outro escrito “sim” e os alunos ficavam posicionados em uma linha, conforme eu fazia as perguntas, eles se direcionavam às respostas, sim ou não.

As perguntas eram referentes a vida pessoal dos alunos, como por exemplo: se eles se sentiam bem na escola, se gostavam da casa onde moravam, se moravam com os pais, se sentiam-se sozinhos, entre outras perguntas. A cada resposta deles conversávamos sobre a pergunta feita, o que eles sentiam em relação a isso e como poderiam amenizar alguns dos problemas enfrentados.

As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certas disposições específicas de sua sensibilidade. Porém, elas só serão o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo. (WALLON, 2002 *apud* GALVÃO, 2005, p.64)

Sendo assim nota-se a importância de promover momentos como esse, em que a criança possa expressar para os demais seus sentimentos e emoções sobre diferentes aspectos. Também é importante que a criança conheça e aprenda sobre a vida e os sentimentos do outro, aprendendo a respeitar e as dificuldades e limitações do outro e a valorizar suas qualidades.

Foi um momento muito importante, pois eles puderam perceber que as pessoas também passavam pelos mesmos problemas que eles, e que os fizeram compreender melhor o outro, além de fazer uma própria reflexão sobre suas dificuldades e problemas enfrentados.

### **Mímica dos sentimentos**

No dia 7 de junho de 2018, elaborei uma brincadeira em que todos pudessem expressar seus sentimentos e conversamos sobre cada um dos sentimentos apresentados. Para essa proposta, fiz uma mímica dos sentimentos. Primeiramente fiz uma lista dos principais sentimentos que já havíamos conversado durante outras atividades do projeto, como felicidade, raiva, medo, entre outros.

Em seguida, cada estudante pegava um papel e teria que fazer a mímica do sentimento tirado, e quem acertasse, era o próximo. No momento em que eles descobriam qual era o sentimento, tanto o que fez a mímica, quanto o que acertou, teriam que falar sobre aquele sentimento, e em que situações aqueles sentimentos eram despertados dentro e fora da escola.

Foi um momento dinâmico e muito divertido, em que todos puderam expressar seus sentimentos através do corpo, desenvolvendo assim a psicomotricidade relacional.

A brincadeira faz parte do cotidiano da criança. Com isso, esta atuação relacional utiliza-se do brincar como recurso motivador. Tal fato estimula a exteriorização

corporal da criança, por perceber que a ação do brincar otimiza os processos de aprendizagem e de desenvolvimento. (MACHADO; VINICIUS, 2010)

Essa atividade foi muito significativa para o meu projeto, porque a professora quis participar da brincadeira, fazendo também sua mímica e expressando o que provocava aquele sentimento.

Isso foi muito importante, já que até então a professora apenas observava sem se envolver nas atividades e nessa atividade voluntariamente ela quis participar e expressar um pouco daquilo que ela sentia também. Então pude constatar que a intervenção surtiu efeito não só nas crianças, mas também na professora.

### **Criando sua história**

Foi realizado também uma contação de história do livro *Analua* de Marília Pirillo. Essa história narra a vida de *Analua* uma menina encantadora, que por vezes se sente um E.T. na sociedade.

Após a contação dessa história foi feita uma roda de conversa para que os alunos falassem em que momentos eles se sentem como se não pertencesse a sociedade. Essa reflexão é muito importante para que as crianças possam pensar a sua importância social e compartilhar com os outros, aquilo que os fazem se sentir estranhos. Alguns relatos demonstram que às vezes, na própria escola, eles se sentem excluídos, o que é importante ressaltar e repensar na escola e na prática docente que possa amenizar esses problemas.

Após a roda de conversa, foi proposto aos alunos que escrevessem sua própria história, o livro da sua vida, causando uma reflexão sobre sua identidade, sua trajetória e a sua importância no meio em que vivem.

Através dessa atividade foram desenvolvidas habilidades essenciais como, a formação e a expressão de ideias, a leitura, a escrita, desenho de acordo com o enredo da história.

Criar um espaço de liberdade propício aos jogos e brincadeiras. O objetivo é fazer a criança manifestar seus conflitos profundos, vivê-los simbolicamente. No âmbito educativo, esse tipo de atuação serviria de precaução contra o surgimento de distúrbios emocionais, motores e de comunicação que dificultem a aprendizagem. (LAPIERRE 2002, p. 28, *apud* MACHADO; VINICIUS, 2010)

Essa atividade também proporcionou um momento muito importante para os alunos, já que após eles escreverem os livros, eles puderam ler o livro do outro, conhecendo assim um pouco da história e da vida dos demais colegas.

### **Expressando sentimentos**

Refletindo sobre a última roda de conversa foi elaborada no dia 6 de setembro de 2018 uma atividade em que o aluno pudesse refletir e expressar-se através da oralidade alguns sentimentos que aconteciam no ambiente escolar.

Essa atividade consistiu em distribuir algumas máscaras de *emotions*, que representavam alguns sentimentos como alegria, tristeza, raiva, medo entre outros. Após distribuir as máscaras aleatoriamente,

os alunos deveriam identificar qual sentimento aquela máscara representava, proporcionando a interpretação dos diferentes tipos de linguagem.

Em seguida, o aluno deveria relatar oralmente quando e o que fazia ele ter aquele sentimento no ambiente escolar. Isso ajuda o aluno a desenvolver habilidades essenciais para o seu desenvolvimento, expressando suas opiniões e sentimentos.

Nesta vertente, a psicomotricidade evidencia a comunicação do adulto com as crianças e entre elas, utilizando-se de um conjunto de estratégias de intervenção e de ações pedagógicas, auxiliando nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento da criança. (MACHADO; VINICIUS, 2010)

Com base no pensamento de Machado, esta atividade teve como objetivo propor um momento em que a criança pudesse comunicar e expressar seus sentimentos e emoções em um ambiente descontraído e dinâmico.

### **Os impactos do projeto de intervenção na casa são José**

Para avaliar os impactos do projeto de intervenção na Casa São José, apresento a última atividade realizada que traz um novo diagnóstico sobre as dificuldades de relacionamento trabalhadas no início desse projeto.

Antes de darmos início à atividade, fizemos uma roda de conversa para lembrarmos a atividade que seria feita, *desenho coletivo*, trazendo também uma reflexão sobre o comportamento deles na primeira atividade. Nessa roda de conversa, também foi feita uma retrospectiva das atividades que foram feitas e da contribuição que tais atividades trouxeram para o benefício da turma.

Cada aluno teve também a oportunidade de falar qual atividade do projeto eles mais gostaram e a razão por terem gostado. Grande parte das crianças relatou a mudança da turma em relação ao respeito com o outro. As meninas falaram sobre a mudança de comportamento dos meninos:

“Tia, agora os meninos não implicam mais.”

A professora fez o seguinte comentário:

“Tenho percebido que o relacionamento entre as crianças melhorou e que agora eles convivem com mais respeito.”

Entretanto, o mais significativo para esse projeto de intervenção foi que os alunos relataram que o espaço se tornou um ambiente melhor para eles brincarem, falarem o que eles sentem, entre outras coisas, concluindo assim, que o projeto teve o efeito esperado.

Após essa roda de conversa iniciamos a atividade. Para a sua realização, a turma foi organizada em um grande círculo e cada criança recebeu uma folha para desenhar. Dado o comando, as crianças deveriam passar o desenho para o colega a direita e assim sucessivamente.

Durante essa atividade foi possível observar a harmonia que havia entre eles, a capacidade de interpretar e dar continuidade ao desenho do outro, o cuidado e capricho que eles tinham com todos os desenhos que passavam por suas mãos. Uma situação bem diferente da primeira vez em que a atividade

foi proposta, já que na primeira vez, grande parte dos alunos rabiscou os desenhos, outros não queriam passar o desenho para o colega do lado, entre outros problemas decorrentes da falta de um bom relacionamento entre eles.

Essa atividade foi fundamental para a culminância desse projeto, pois foi possível constatar os avanços e as melhoras dos alunos em relação aos problemas identificados anteriormente.

Com isso, podemos concluir o quanto as atividades diferenciadas e significativas são importantes para a formação do aluno. Sendo assim, vemos a necessidade de o ambiente escolar desenvolver propostas que estimulem a criança a se expressar, compreender e assim dominar seus sentimentos e emoções, além de aprender e respeitar as diferenças de pensamentos e opiniões do outro.

### **Considerações finais**

Concluo este trabalho apresentando as principais contribuições que esse projeto de intervenção trouxe para o meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Assim como a contribuição deste projeto para o campo onde foi aplicado e para os maiores participantes dessas intervenções, os alunos da Casa São José.

O início desse projeto foi um grande desafio para mim, já que era uma proposta bem diferente da que eu esperava para a conclusão do curso. No começo, tive muita dificuldade em analisar o espaço e detectar algum problema que proporcionasse uma boa intervenção. Entretanto, ao decorrer da minha formação, pude aprender a construir um olhar sensível e problematizador para o cotidiano escolar.

Então, esse projeto me proporcionou pela primeira vez, a oportunidade de analisar, planejar, aplicar e avaliar diversas atividades e ações que pudessem atuar no determinado problema.

Após me subsidiar em muitos aportes teóricos que foram essenciais para dar início a prática, pude perceber o grande desafio que é educar. Tive a oportunidade de viver na prática o que tenho estudado e acreditado há quatro anos, que é uma educação capaz de transformar pessoas, que possam transformar a sociedade. Posso afirmar, que a minha formação não teria sido a mesma sem esse projeto.

Além de trazer muitos benefícios para mim, tenho certeza que esse projeto foi de extrema importância para todos os que trabalham no campo de atuação e principalmente para as crianças envolvidas. É importante que os espaços escolares e não escolares estejam abertos para esse tipo de proposta, com o objetivo de ser mais um fator contribuinte para uma educação que tanto almejamos, envolvendo teoria e prática para benefício de todos.

A última atividade foi a mais impactante dentre tantas experiências que tive no desenvolvimento desse projeto, já que nessa atividade eu pude constatar o resultado que construímos foi além do esperado. O último dia de projeto foi um momento com muitas lágrimas de ambos os lados, um sentimento de saudade, mas tendo a certeza de que o meu dever foi cumprido.

Finalizo esse relato da intervenção contando um pouco dessa experiência durante a minha formação. A proposta desse curso foi muito diferente do que eu imaginava e idealizava como correto,

mas através da metodologia utilizada, pude compreender na prática a necessidade e os desafios de uma educação transformadora.

Fez-me criar um novo olhar sobre a educação, a sociedade e sobre o meu papel como educadora. Entendi que a realidade é muito diferente daquilo que gostaríamos que fosse, entretanto, tive a convicção de que é possível uma educação que vai além de reproduzir conteúdos, uma educação capaz de libertar e transformar pessoas capazes, que possam transformar o seu mundo.

### Referências

ALMEIDA, Geraldo Peçanha. **Teoria e Prática em psicomotricidade:** Jogos, atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis. 6 .ed. RJ. Wak Ed., 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE (ABP). Disponível em <<https://psicomotricidade.com.br/sobre/o-que-e-psicomotricidade>> Acesso em 20 mar. 2018.

**BRASIL.** Referencial curricular nacional para a educação infantil.

Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v

GALVÃO, Izabel. **Henry Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. Disponível em [https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn\\_2014.pdf](https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf) Acesso em 22 mar 2018

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar:** estudos e proposições -17 ed.-São Paulo: Cortez, 2005.

MACHADO, José Ricardo Martins; VINICIUS, Marcos. **Recriando a psicomotricidade.** Rio de Janeiro: Sprint, 2010.

# EDUCAÇÃO, AMBIENTE E SOCIEDADE: A INTERDISCIPLINARIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA AMBIENTAL CRÍTICA NAS REDES VIRTUAIS NO COLÉGIO TÉCNICO DA UFRRJ

*EDUCATION, ENVIRONMENT AND SOCIETY: INTERDISCIPLINARITY IN THE CONSTRUCTION OF A CRITICAL ENVIRONMENTAL PEDAGOGY IN VIRTUAL NETWORKS AT THE TECHNICAL SCHOOL OF UFRRJ*

**Adriana Maria Loureiro<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Doutoranda em Meio Ambiente pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Especialista em História Moderna pela Universidade Federal Fluminense e em Conhecimentos Tradicionais e Práticas Escolares na Educação Básica pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos – UNIFESO. Professora do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

## RESUMO

Este é o resultado parcial de um trabalho realizado pela disciplina Educação, Ambiente e Sociedade ministrada por mim no Curso Técnico em Meio Ambiente no Colégio Técnico (CTUR) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), localizado no município de Seropédica, Baixada Fluminense, dentro do campus da UFRuralRJ. Proponho, neste trabalho, um olhar interdisciplinar para a escola e para a Educação Ambiental, seguindo, inicialmente, a legislação em vigor, assim como o diálogo com autores que tratam dessa questão, como Gusdorf e Japiassu. Entendendo que a interdisciplinaridade nasce do diálogo entre as disciplinas, utilizo a teoria da complexidade de Morin, destacando que os saberes podem e devem estar reunidos e não, fragmentados. Assim, proponho a construção, por meio do diálogo com o Cinema, a Literatura, a Educação Física, a Agroecologia, entre outras disciplinas, de uma concepção de Educação Ambiental crítica por parte dos atores envolvidos, através das redes virtuais, pois os conteúdos debatidos em sala de aula saem da escola para serem apresentados além-muros nas interações entre os discentes e a comunidade, na busca por uma sensibilização de questões que visem à ruptura da dicotomia homem-ambiente.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade; Educação Ambiental Crítica; Ensino Técnico; Redes Educativas.

## ABSTRACT

This is the partial result of a work carried out by the subject Education, Environment and Society taught by me at the Technical Course on Environment at the Technical School of the Federal Rural University of Rio de Janeiro (CTUR), located in Seropédica, Baixada Fluminense, within the UFRuralRJ campus. I propose, in this work, an interdisciplinary approach to the school and to Environmental Education, initially following the legislation in course, as well as the dialogue with authors dealing with this issue, such as Gusdorf and Japiassu. Understanding that interdisciplinarity arises from the dialogue between disciplines, I use Morin's theory of complexity, emphasizing that knowledge can and should be gathered and not fragmented. Thus, I propose the construction, through dialogue with Cinema, Literature, Physical Education, Agroecology, among other disciplines, of a conception of Critical Environmental Education on the part of the involved actors, through the virtual networks, where the contents debated in the classroom leave the school to be presented beyond walls in the interactions between the students and the community in the search for an awareness of issues that aim at breaking the human-environment dichotomy.

**Keywords:** Interdisciplinarity; Critical Environmental Education; Technical Education; Educational Networks.

## Iniciando o diálogo

O que pretendo apresentar com esse texto é um relato de experiência com o resultado parcial de um trabalho realizado pela disciplina Educação, Ambiente e Sociedade, componente curricular do 1º e do 2º ano – dependendo da modalidade em que o aluno esteja matriculado – do Curso Técnico em Meio Ambiente no CTUR. Localizado no município de Seropédica, Baixada Fluminense, mais especificamente dentro do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, o Colégio Técnico da Universidade Rural oferece cursos técnicos – integrados (ou não) ao Ensino Médio (Agroecologia, Hospedagem e Meio Ambiente), Ensino Médio propedêutico e até um curso técnico subsequente (Agrimensura – o único curso noturno do colégio).

O curso de Meio Ambiente, criado pela deliberação 38, de 16 de abril de 2010, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, é oferecido em duas modalidades: integrado ao Ensino Médio e em concomitância externa (o aluno cursa ou cursou o Ensino Médio em outra escola e faz apenas as disciplinas técnicas no CTUR). Desde a sua criação, o curso já passou por três reformulações. A disciplina Educação, Ambiente e Sociedade, presente desde o ato de criação, teve sua carga horária ampliada de um para dois tempos semanais, o que foi considerado uma vitória em termos curriculares, se pensarmos que ainda existem disciplinas com maior e menor peso dentro das escolas. O aumento de carga horária para uma disciplina da área das Ciências Humanas, sem querer fazer juízo de valor, apenas (re)conhecendo o que ainda ocorre em muitas escolas, foi uma conquista importante.

Ao longo dos meus dez anos de trabalho nessa instituição<sup>1</sup>, tenho percebido uma constante demanda apresentada pelos alunos por atividades que envolvam as Artes e áreas afins, se contrapondo ao currículo idealizado para os cursos técnicos e suas atividades voltadas para os fazeres considerados como mais práticos e voltados para o mundo do trabalho, até mesmo pelo senso comum. Como professora da disciplina citada no início desse texto, proponho, neste trabalho, um olhar interdisciplinar para a escola e para a Educação Ambiental, seguindo, inicialmente, a recomendação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, Resolução CNE de 15 de junho de 2012, que em seu artigo 8º, afirma: “a Educação Ambiental, respeitando a autonomia da dinâmica escolar e acadêmica, deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada e **interdisciplinar**” (grifo meu).

Acreditando que, a partir da especialização, poderia melhor conhecer “o todo a partir das partes”, o homem fragmentou o conhecimento. Segundo Klein (1996, apud Alvarenga et al, 2011, p. 14), entre os anos de 1300 e 1950, houve um aumento de sete para 54 campos de conhecimento e, em 1987, houve identificação de 8.530 campos, o que levou ao isolamento dos objetos. O homem decompôs

<sup>1</sup> Tempo à época em que o texto foi escrito.

os objetos e se encontrou em dificuldades para reuni-los novamente. Daí a importância da interdisciplinaridade, como uma alternativa para essa situação.

Entendendo, então, que a interdisciplinaridade nasce do diálogo entre as disciplinas, faço uso, aqui, da teoria da complexidade de Edgar Morin (2011), considerando interessante destacar que o autor afirma que os saberes podem e devem estar unidos e não, fragmentados. Segundo esse mesmo autor, a busca pela compreensão complexa da realidade não pode ser tarefa atribuída exclusivamente às disciplinas isoladas, mas deve também passar pela união dos conhecimentos que foram dispersos pelo homem a fim de produzir o que ele chama de “pensamento complexo”. Morin considera que a escola não pode deixar que sete saberes considerados por ele como “essenciais” deixem de entrar em seu mundo. Dentre esses saberes, destaco o que ele chama de “ética do gênero humano”, em que o autor relaciona e condiciona à natureza democrática do espaço ao qual nós, como humanidade, estamos inseridos: o planeta Terra. Essa seria, então, a condição necessária para o “nascimento concreto da Humanidade como consciência comum e solidariedade planetária do gênero humano” (MORIN, 2011, p. 114).

Além disso, foi buscada em Georges Gusdorf (1984) e Hilton Japiassu (2006) a noção de que Homem e Natureza, sendo pontos de partida e chegada do conhecimento, acabam por se revelar tão complexos que necessitam verdadeiramente da abordagem interdisciplinar para terem suas questões tratadas. Como nos afirma um desses autores, “no domínio das ciências humanas e do meio ambiente, por exemplo, os objetos de pesquisa revelam-se tão complexos que só podem ser tratados e solucionados por uma abordagem multi-, inter- ou transdisciplinar” (JAPIASSU, 2006, p. 26).

Dessa forma, a proposta deste trabalho é a de construção, por meio do diálogo com o Cinema, com a Literatura, a Educação Física, a Agroecologia, entre outras disciplinas, de uma concepção de Educação Ambiental que busca uma forma de ultrapassar os muros da escola, a fim de levar a discussão sobre os temas levantados nos encontros entre a professora e os seus alunos para além da sala de aula.

### **Educação, Ambiente e Sociedade**

Como já foi aqui afirmado, a disciplina Educação, Ambiente e Sociedade está presente na matriz curricular do curso técnico em Meio Ambiente do CTUR, desde a sua criação. A disciplina tem uma característica muito interessante, pois ela nasce sem preconceitos de dialogar com as outras. Falar sobre os três assuntos que compõem a disciplina, permite à docente levar temas dos mais diversos para debater em sala e mostrar para os alunos que é fundamental, para qualquer disciplina, se colocar dentro da conjuntura para ser compreendida e melhor apreendida. Mas é importante destacar a fala de Ivani Fazenda sobre interdisciplinaridade, em que a autora afirma que “ela (a interdisciplinaridade) decorre mais do encontro de indivíduos do que de disciplinas” (FAZENDA, 2003, p. 71). Confesso que cheguei para essa empreitada de implementar uma nova disciplina livre de algumas amarras e tenho buscado, ao longo desses anos, o diálogo com outros indivíduos que podem enriquecer e fazer dos encontros com

os alunos momentos de sensibilização acerca do que é vivido historicamente e das possibilidades que se apresentam.

Em meu trabalho docente, entendo que, como afirma Mauro Guimarães (2004), a Educação Ambiental não se realiza sozinha, mas nas relações do ambiente escolar, nas interações entre os diferentes atores, conduzida por um sujeito. Compreendo também que há diversas concepções de Educação Ambiental e que a Educação não é neutra, assim, assumo minha escolha por trabalhar com a vertente crítica, pois considero importante esclarecer que tal opção se dá pela abordagem sociopolítica dessa identidade da Educação Ambiental, em contraposição, por exemplo, à abordagem técnica da Educação Ambiental dita conservadora, por compreender que tal escolha poderá proporcionar uma maior reflexão, enfrentamento dos conflitos, justiça ambiental, mobilização coletiva e autonomia dos sujeitos para continuidade das ações.

Entendo ainda que há diferença entre o processo formativo em Educação Ambiental e o processo formativo do Educador Ambiental, como afirma Isabel Carvalho (2005), outra referência deste trabalho; assim, procuro o equilíbrio entre diálogo e ações conjuntas para encontrar melhores respostas para o trabalho na disciplina. Busco formar o educador, mas principalmente, sensibilizar os educandos e promover educação ambiental a partir de questões do cotidiano e da análise da conjuntura econômica, política e social. A esse respeito Jacobi (2003) salienta que:

A educação ambiental, como componente de uma cidadania abrangente, está ligada a uma nova forma de relação ser humano/natureza, e a sua dimensão cotidiana leva a pensá-la como somatório de práticas e, conseqüentemente, entendê-la na dimensão de sua potencialidade de generalização para o conjunto da sociedade. Entende-se que essa generalização de práticas ambientais só será possível se estiver inserida no contexto de valores sociais, mesmo que se refira a mudanças de hábitos cotidianos. A problemática socioambiental, ao questionar ideologias teóricas e práticas, propõe a participação democrática da sociedade na gestão dos seus recursos atuais e potenciais, assim como no processo de tomada de decisões para a escolha de novos estilos de vida e a construção de futuros possíveis, sob a ótica da sustentabilidade ecológica e a equidade social. Torna-se cada vez mais necessário consolidar novos paradigmas educativos, centrados na preocupação de iluminar a realidade desde outros ângulos, e isto supõe a formulação de novos objetos de referência conceituais e, principalmente, a transformação de atitudes. (JACOBI, 2003, p. 200)

Assim, procuro aliar a concepção de Redes Educativas, de Nilda Alves (2002), que propõe a articulação de saberes e disciplinas, com todos trabalhando juntos para poder tecer um espaço maior de conhecimento, aos estudos de Cibercultura e Educação, de Edméa Santos, que afirma que o ciberespaço

se constitui e é constituído pelas tecnologias digitais em rede, que é para nosso tempo um dos mais importantes artefatos técnico-culturais, pois ampliam e potencializam a nossa capacidade de memória, armazenamento, processamento de informações e conhecimentos, e, sobretudo, de comunicação. (SANTOS, 2011, p. 77)

Nesse sentido, buscamos, com esse trabalho coletivo que envolve a professora e seus alunos, levar o debate sobre Educação Ambiental para além da sala de aula pelo eio virtual. Como já foi

afirmado, a disciplina Educação, Ambiente e Sociedade possui uma característica muito favorável ao trabalho interdisciplinar. Desta forma, salienta Heloisa Luck que:

Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores num trabalho em conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de um mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade atual. (LUCK 2003, p. 64).

Compreendendo isso, reafirmo que o trabalho interdisciplinar não é imposto e sim, construído. Buscamos – professora e alunos – inspirações em notícias, em letras de música, para além dos textos acadêmicos. Assistimos a filmes, visitamos museus, espaços ecológicos e até já tivemos, por exemplo, palestra para falar sobre consumo sob a visão de Eça de Queirós em *A Cidade e as Serras*, como atividade de classe, em um “almoço queiroziano” para também refletirmos sobre a vida no campo e na cidade.

As reflexões sobre esses poemas, filmes, palestras, aulas-passeio, e até oficinas realizadas por/para as turmas são postadas pelos alunos em *blogs*, *tumblr*<sup>2</sup>, sites, grupos e páginas em redes sociais, permitindo acesso público aos conteúdos desenvolvidos na escola e buscando maior envolvimento da comunidade como um todo. Dessa forma, o público atingido se torna bem maior do que aquele que frequenta as aulas, e posso ver interação, comentários e reações provocadas por postagens de meus alunos a partir das discussões de sala de aula.

Iniciei essa proposta em 2014, sob a forma de avaliação. Aos poucos fui percebendo que era mais do que isso. Tratava-se de processo formativo. Através do uso da linguagem desses jovens e da sua atuação em rede, houve a possibilidade de uma troca de conhecimentos, além da divulgação e ampliação do debate e das ideias. O tempo de permanência na escola se tornou um período de reflexão sobre a sociedade, assim como de discussões, de sensibilização acerca das questões que envolvem a busca pela superação da dicotomia homem-ambiente (que colocou o ambiente a serviço do homem e nos levou à crise ambiental). Através e para além das máquinas, que servem não somente de meio para conduzir os resultados dessas reflexões/discussões, mas também para promover interações entre os discentes e a comunidade à qual eles estão inseridos, é possível expandir a sala de aula e seu campo de atuação por meio das redes virtuais. Nas palavras de Iolanda Cortelazzo:

Imersos numa rotina escolar que os massacra e os limita na busca de novos horizontes, os professores deparam-se com tantos problemas, tantas questões sociais que chegam à escola mais as cobranças administrativas, como o preenchimento de quadros de planejamento de aulas, relatórios, participação em cursos, etc. e mantém uma cultura de conformismo e acomodação. Por outro lado, constata-se casos de educação inclusiva transformadora e emancipadora nas

<sup>2</sup> Plataforma para hospedar blogs do mundo todo, onde blogueiros compartilham imagens, músicas, vídeos e textos.

práticas docentes em escolas por todo o país. Desde a educação infantil aos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, há exemplos de ações educativas isoladas ou colaborativas que indicam a viabilidade e a exequibilidade da inclusão respeitando-se o contexto sociocultural, reforçando a identidade local e seguindo as orientações das políticas educacionais nacionais. Professores isolados em suas escolas nas regiões rurais descobrem e inventam soluções para os problemas locais. Há uma riqueza de experiências silenciosas que concretizam a educação inclusiva. Essas experiências precisam ser investigadas, documentada e esses exemplos precisam ser divulgados e multiplicados pela ação proativa de educadores nos cursos de educação superior em projetos de parceria com as secretarias de educação estaduais e municipais e as escolas da educação básica. Afinal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional já anunciava em 1996 (ano da Declaração de Salamanca) regulamentação da educação especial. Este texto refere-se a ela, aqui, neste ponto, pois está é uma das lacunas na formação dos gestores e professores: a interpretação e a compreensão do que a lei estabelece para além da sua simples leitura. (CORTELAZZO, 2012, p. 101)

### Os blogs do meio ambiente

Tratados de forma genérica como *blogs*, a inserção virtual dos alunos do CTUR nas redes para o debate sobre Educação Ambiental não se dá unicamente nesse formato. Podem ser *sites*, páginas ou grupos em redes sociais, ou até mesmo nos desconhecidos (até certo momento, para mim) *tumblrs*. O interessante é que os estudantes se sintam à vontade para levar, na sua linguagem, o assunto para fora da escola, provocando a curiosidade de seus interlocutores e buscando a sensibilização dos mesmos.

Sempre é solicitado a eles que se apresentem, assim que criarem o “*blog*”. Como se trata de um trabalho público, é importante que as pessoas saibam quem eles são, onde estudam e qual disciplina representam. Sim, falo em disciplina, apesar de fazer uma proposta de trabalho interdisciplinar, pois é preciso deixar claro – e retomar o assunto – que interdisciplinaridade nasce de conhecimento disciplinar consistente em busca do diálogo. Além dessa tarefa inicial, a tarefa final deles é avaliar o próprio formato do trabalho, como podemos ver na Figura 1. É um retorno que considero importante para saber o que pode melhorar para o(s) ano(s) seguinte(s).

Figura 1: avaliação final do *tumblr* Boletim Ambiental



Fonte: Boletim Ambiental, disponível em <https://boletimambiental.tumblr.com/>

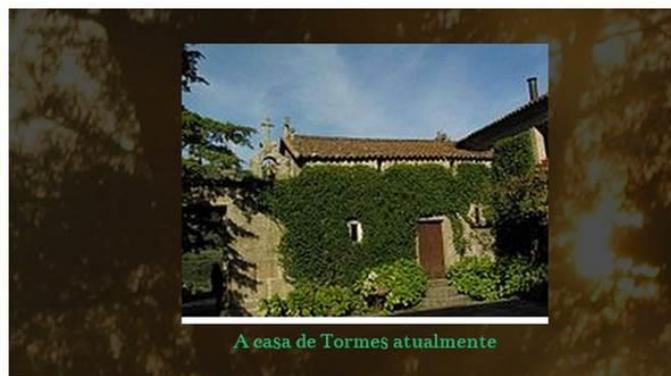
No restante do ano, eles estão, pode-se dizer, livres para postar aquilo que surge nas aulas e chama a sua atenção, aquilo que o grupo considera importante na busca pela sensibilização de outros grupos para a questão ambiental. Sem esquecer que são jovens e se interessam por divulgar fotos da turma em aulas-passeios ou em atividades internas na escola, como podemos ver em alguns exemplos abaixo, nas Figuras 2 e 3, que retratam uma visita ao campus do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) em Pinheiral, quando visitaram o Espaço Ecológico Educativo para conhecer o conceito de trilhas interpretativas; e uma referência ao já citado “almoço queirosiano”, respectivamente:

Figura 2: Registro da aula-passeio dos alunos do curso de Meio Ambiente do CTUR no Espaço Ecológico Educativo do IFRJ – campus Pinheiral



Fonte: Envolvimento Sustentável, disponível em <https://www.facebook.com/envolidos26/>

Figura 3: Registro feito após o almoço queirosiano

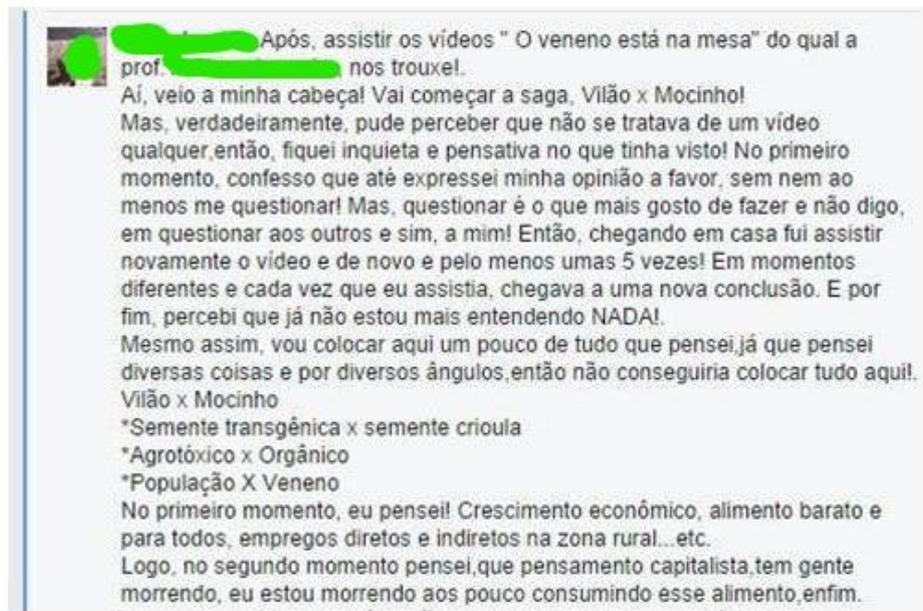


Fonte: Blog Juventude Econsiente, disponível em <http://cturianos.blogspot.com.br/>

Referências a atividades realizadas em sala de aula estão também presentes na rotina desses trabalhos, como impressões sobre o uso de agrotóxicos, após assistirem e debaterem sobre o filme “O Veneno está na Mesa”, de Silvio Tendler<sup>3</sup> (2011), como pode ser observado na Figura 4.

<sup>3</sup> Documentário brasileiro com duração de 50 minutos que fala sobre o uso de agrotóxicos e o risco à saúde pública no Brasil.

Figura 4: Relato de uma aluna sobre o filme “O Veneno está na mesa”



Fonte: Grupo administrado pela aluna no Facebook, disponível em <https://www.facebook.com/groups/1387158241561671/?fref=ts>

Muitas têm sido as opções de postagens por parte dos alunos. Nem sempre eu tenho condições de controlar o que eles decidem publicar, mas considero que esse tipo de atitude faz parte da construção da autonomia intelectual deles. Como já foi afirmado neste trabalho, não concordo que haja neutralidade nas ações, assim, entendo que as escolhas dos alunos por suas postagens vêm carregadas de suas experiências, vivências e são, portanto, suas escolhas políticas.

Retomando as pesquisas de Edméa Santos, considero importante também ressaltar que a autora afirma que

Com o avanço tecnológico, mais especificamente por conta mobilidade dos dispositivos e da internet, das mídias locativas, das tecnologias via satélite, que conectam o ciberespaço com as cidades e estas com o ciberespaço, não podemos mais entender a cibercultura apenas como a cultura da internet. Por outro lado, é preciso reconhecer os avanços da internet e como essa rede mundial de computadores vem interagindo com diversos *espaçostempos* cotidianos. (op.cit., p. 83)

Assim, é possível observar que a rede de computadores se torna uma ferramenta, entre outras possíveis, dentro dessa cultura na qual a juventude se encontra imersa, para divulgação de ideias, de debates e novas propostas. Vejo essa possibilidade como uma condição de crescimento para meus alunos do ponto de vista pessoal, ecológico, humano e intelectual.

## Concluindo

Como afirmado desde o início, esse relato é um trabalho em processo de avaliação por parte dos atores envolvidos. No entendimento de que o trabalho educativo está em constante construção e é produzido no diálogo entre os sujeitos desse mesmo processo, reafirmo que esses são os resultados parciais de um projeto desenvolvido por mim e que se renova a cada ano, dentro de uma mesma perspectiva na busca por uma Educação Ambiental contínua e transformadora.

Percebo, ao longo de minha trajetória nesse caminhar, que as mudanças surgem a partir do diálogo, uma das bases para uma educação emancipatória, como afirma Paulo Freire. Ponto de destaque na obra do autor, e que também está alicerçado na estrutura dialética, é o que ele chamou de “*Pedagogia da Autonomia*”. Segundo o autor, a autonomia é de suma importância na construção de sociedades livres, plenas em direitos e verdadeiramente democráticas, em que os atores sociais tenham voz e vez para dizer o que realmente desejam e querem na construção coletiva de sociedades melhores, mais justas e humanas.

A construção dialógica e cultural da autonomia pressupõe a relação direta de pessoas com outras pessoas e, todas elas, com o conhecimento. Nos processos de aprendizagem que daí derivam, Paulo Freire salienta que:

Como professor, se minha opção é progressista e venho sendo coerente com ela, se não me posso permitir a ingenuidade de pensar-me igual ao educando, de desconhecer a especificidade da tarefa do professor, não posso, por outro lado, negar que o meu papel fundamental é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos, se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar com estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. (FREIRE, 2013, p. 70)

Esse diálogo é o que propicia, desde a proposta de trabalho interdisciplinar até o processo formativo dos alunos em Educação Ambiental, por meio das redes virtuais, a busca pela autonomia, tanto docente quanto discente. Tal diálogo é que move esse trabalho e tem produzido resultados, até o momento, positivos e muito mais consistentes do que se meras avaliações bimestrais.

## Referências

ALVARENGA, Augusta Thereza de et al. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR., Arlindo (org.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri: Manole, 2011.

ALVES, Nilda (org.). **O sentido da escola**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Resolução n. 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 15 jun. 2012. Disponível em

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category\\_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em 15 abr. 2017.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação Ambiental**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo. Formação de professores para uma Educação Inclusiva mediada pelas tecnologias. In: GIROTO, Claudia Regina Mosca; POKER, Rosimar Bortolini; OMOTE, Sadao. (Orgs). **As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas**. Marília. Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.P. p- 93-120.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de Educadores Ambientais**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2004.

GUSDORF, Georges. **Para uma pesquisa interdisciplinar**. Diógenes, n. 7. Brasília: Editora da UnB, p. 25-44, 1984.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/ 2003 Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, março/ 2003. P-p. 189-205.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar e as razões da Filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LÜCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

QUEIRÓS, Eça. **A Cidade e as Serras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

SANTOS, Edméa. A Cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral da & SILVA, Marco (orgs.). **Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/livro1.html>>. Acesso em 15 de abril de 2017.

## COMO AMAR UMA CRIANÇA

**Nathalia Quintella Suarez Mouteira<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP), especialista em LIBRAS pelo Centro Universitário Barão de Mauá (CBM) e graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO). Professora do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO).

### Resenha do livro

**KORCZAK, Janusz. Como amar uma criança. 4.ed. revista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.**

O cenário de horror da última guerra e a exterminação dos judeus poloneses em Varsóvia, foi o motivo de Janusz Korczak escrever o livro *Como amar uma criança*. Que contradição!

Um homem com suas crianças órfãs, vive nesse pedaço de mundo onde o horror, a maldade e a intolerância fazem parte do convívio humano e nesse viver doloroso, no momento da autoridade valer-se acima do que é humano, o bom homem, cuidador de almas puras, “brinca” com a morte que está prestes a visitá-los no orfanato.

O trem parte rumo aos fornos crematórios e a “brincadeira” começa seguindo nos trilhos como se fossem a uma excursão. Bendita brincadeira que fez a imaginação infantil fluir, levando para longe o medo e a insegurança do trajeto.

As dificuldades soam no barulho do trem e vemos nas entrelinhas da história narrada, o crime bárbaro de homens covardes, que ceifaram vidas infantis. Além do seu protetor, elas não conheceram as belezas do mundo e da vida.

Korczak, foi uma inspiração para muitos que viram e viveram os horrores da guerra, pois com seu afeto pelo próximo, pode vencer os valores da dignidade humana, mesmo que tudo se mostrasse ao contrário.

E assim, com esse exemplo de amor ao próximo, o autor consagra sua vida às crianças, e apresenta-nos nesta obra, que a confiança no homem, como ser humano, ainda deve ser preservada. Uma conquista diária.

Com seu pensamento baseado na educação da criança e das suas necessidades, este livro recheado de emoção e sentimentos altruístas, deve ser lido e apreciado por todos aqueles que acreditam no trabalho de ensinar com afeto e nos resultados satisfatórios que apresentam.

Temos em Korczak, no seu trabalho cotidiano, um exemplo do que pode fazer um genuíno homem guiado pelo amor e essa história deixará traços duráveis na memória de seus leitores jovens e velhos, destinando-se a trazer da Varsóvia aos recantos das escolas e aos educadores, a lição da humildade e do desprendimento.

Os educadores e os professores aprenderão a observar, para participar das experiências de trabalho com as crianças e os adolescentes, aproximando-se da realização dos sonhos de Korczak, mesmo que isso seja um passo apenas para um mundo no qual as crianças possam viver felizes.